



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

AUGUSTO CESAR DOS SANTOS

SERVIÇO SOCIAL, ARTE, VELHICE: significado da arte no trabalho com idosos.

São Cristóvão- SE

2016/1



AUGUSTO CESAR DOS SANTOS

SERVIÇO SOCIAL, ARTE, VELHICE: significado da arte no trabalho com idosos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Serviço Social, como requisito para  
obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Núbia Santos

São Cristóvão- SE

2016/1

AUGUSTO CESAR DOS SANTOS

SERVIÇO SOCIAL, ARTE, VELHICE: significado da arte no trabalho com idosos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Serviço Social, como requisito para  
obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Núbia Santos  
(Orientadora)

---

Anabela Mauricio de Santana  
(Examinadora 1)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Noêmia Lima Silva  
(Examinadora 2)

## DEDICATÓRIA

Este trabalho dedico (in memoriam) a minha avó, Maria Luiza,  
que sempre me deu apoio e incentivo, para os estudos.

## AGRADECIMENTOS

Para chegar até aqui tive que percorrer um caminho árduo, duro, e complexo, mas apesar de tudo, feliz, pois a todo o momento tive pessoas ao meu lado que me proporcionaram momentos de força, energia e felicidades. Por isso não posso deixar de cita-los (las) nesse espaço de agradecimentos.

Antes agradeço a Deus e aos Orixás (Principalmente a minha orixá Oxum), pela força e energia proporcionadas durante todo o momento em que precisei.

Quero agradecer in memória a minha Avó Maria Luiza, essa negra guerreira, que durante toda a sua vida trabalhou fora de casa para sustentar seus filhos, mesmo com auxílio do seu esposo, não deixou de pegar “no pesado” como dizia ela, para nada faltar no seu dia a dia. A nossa matriarca, é mais uma daquelas mulheres negras da classe trabalhadora que não teve oportunidades de estudar, pois a maior parte do seu tempo era dedicada à o cultivo da terra, e quando veio para capital sergipana, ocupou-se como doméstica. É preciso lembrar quem foi Maria Luiza, para que não se perca de vista, de que ela foi mais uma daquelas idosas que se encontraram enquanto chefe de família durante muito tempo, mantendo a sua pensão (pois não pode se aposentar para não perder esse auxílio que viria do seu esposo após a morte do mesmo) enquanto renda principal da casa, onde morava ela, a filha (minha mãe), meu pai, eu, meus dois irmãos, e meu primo. Morávamos juntos pois em determinado estágio da vida de minha avó, a mesma perdeu parte da visão. Tracei todo esse breve perfil de Maria Luiza, para dizer que ela ao perceber que na família tinha um neto que se identificava com os estudos, fez de tudo para que ele pudesse seguir firme nesse caminho, e isso teve uma importância tamanha para que ele chegasse onde chegou. A realidade de um negro gay de periferia na sociedade brasileira, é dura, e marcada de repressões e poucas conquistas. Por isso, passamos por muitos “maus bocados” para que esse seu neto, que sou eu, pudesse seguir os estudos. Maria Luiza, esteja onde a senhora estiver saiba que seu neto conseguiu, foi o primeiro de sua família a chegar até aqui em uma universidade pública como você imaginou. E eu te agradeço do fundo do meu coração, por tudo que fez para que aqui eu chegasse. “A vida que chamo de minha, neguinha, te encontro na fé”.

Agradeço também aos meus pais Augustinho Rodrigues e Kátia Cristina, que me deram apoio e suporte para que eu tivesse acesso a essa graduação e conseguisse concluir, tenho tamanho orgulho de vocês. Agradeço também aos meus irmãos Lucas Gabriel, Paulo Henrique, Genisson Ezequiel, e a minha irmã Larissa Luiza. E também

as minhas tias, e tios, aos meus primos e primas, que cada um do seu jeito, me deram apoio e incentivo.

Agradeço também a minha amiga irmã, ao amor de minha vida, presente maior que me deram, Siliane Oliveira, que apareceu na minha vida quando erámos 6ª série do ensino fundamental, e que hoje passa pelo mesmo momento que eu, pois escolheu também o curso de Serviço Social, e está concluindo junto comigo. Agradeço também a Iris, Karol, Kecya, Nara, Juane, Jessica, Vanessa, Paula, Elverane, Rosy, e a tantos outros amigos e amigas que se fizeram presentes nos momentos bons e ruins.

Agradeço a minha orientadora a Professora Dr<sup>a</sup> Vera Núbia, pela paciência, pelas orientações, e inquietações que me provocou durante esse momento. Percebo que suas direções me fizeram crescer enquanto pesquisador e futuro profissional de Serviço Social, sempre soube que seria maravilhoso estar contigo nesse processo. Obrigado!

E lógico que na vida acadêmica encontramos presentes que levaremos para o resto da vida, e durante esse percurso da graduação o qual passamos por seminários, e outros trabalhos em grupo, e eu Siliane, nos deparamos com nossas queridas Cledja Gomes, Driele Santos, e então nos casamos (o nosso poliamor), vocês contribuíram muito nesse processo, amo vocês. Agradeço também aos meus colegas do curso que se tornaram amigas Jessyka Aquino, Juliane Santos, Grazielle, Kelly Luiza, Taires Vidal, Thamyres, Dislaine de Sá e outros.

Agradeço a Professora Dr<sup>a</sup> Lúcia Aranha que durante três anos foi minha tutora no Programa de Educação Tutorial de Serviço Social (PET\_SS), e ela com sua experiência e sabedoria contribuiu muito para ampliação do nosso conhecimento. E agradeço aos colegas que estiveram junto comigo no PET\_SS (Lívia, Cinthia, Renk, Laryssa Gabriella, Danielle, Iris, Franciele, Joice, Miriam, Bruna, Graiany, Suellen, Everton, Susana, Mariana, Rosa, Erica, Rosinha, Líria) programa o qual me proporcionou momentos ricos de experiência e aprendizado, e nos promoveu vários desafios construtivos que com muito entusiasmo nos colocamos a enfrentar. E a você também doce de limão azedo Cleverton, que do seu jeito particular contribuiu muito com o meu processo de aprendizado, não só acadêmico, mas da vida.

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade sobre a coordenação da Professora Dr<sup>a</sup> Noêmia Lima, minha supervisora, pelo aprendizado, e agradeço aos amigos que ganhei nesse processo de estágio, Edilberto, Rúzia, Ana Gabriela, Andreane, Will Nascimento, Matheus, Juliete.

Agradeço também aos professores que durante esses cinco anos de graduação me estimularam a ser um profissional ético, crítico e comprometido com a classe trabalhadora Carla, Catarina, Clarissa, Josiane, Paulo, Rosangela, Cecilia, Yanne, Carol, Magally.

Agradeço aos meus amigos e companheiros (as) de palco que tanto me ensinaram e ensinam no teatro e na vida Amadeu, Alessandra, Klinger, John, Sandra, Lindemberg, Marcos, Fernanda, Juliana, Tatá, Wagner, Bruno, Eliene, Dione, Barbara, Murilo, Josué, Zé, Tom, Babi, amo muito vocês.

**OBRIGADO!**

Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais

Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
E ser feliz.  
(Almir Sater/Renato Teixeira)

## RESUMO

O trabalho resulta de uma pesquisa de conclusão de curso que teve como foco analisar o potencial da arte no trabalho com idosos. Teve por lócus de investigação o Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira idade, da Universidade Federal de Sergipe (NUPATI/UFS). Através de pesquisa documental analisou as atividades artísticas realizadas no período de 2014 a 2016 (Canto Coral, Oficina de Fotografia, Danças populares) e o seu significado para população idosa. Observou-se que, as atividades artísticas foram diversificadas, mas, ao mesmo tempo, somente duas atividades apresentaram sequência histórica, embora o número de idosos inseridos no NUPATI/UFS tenha um crescimento contínuo. Ressalta-se que a importância da manutenção de atividades artísticas, a fim de potencializar a arte, como momento de socialização, mas enfatiza-se a necessidade de compreendê-la como modo de objetivação e afirmação do sujeito na sociedade capitalista.

**Palavras chaves:** Serviço social; arte; projeto ético político; envelhecimento humano.

## Lista de Quadros

Quadro 1 expectativa de vida da população idosa brasileira IBGE, 2013. p. 43

Quadro 2- Esperança de vida ao nascer (em anos) – Brasil – 2000 a 2015. p. 44

## Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 .....	16
A ARTE E SUA FUNÇÃO SOCIAL: RESGATE HISTÓRICO. ....	16
CAPÍTULO 2 .....	29
SERVIÇO SOCIAL E A ARTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA .....	29
CAPÍTULO 3 .....	42
PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO, VELHICE E SERVIÇO SOCIAL .....	42
3.1 Serviço Social e Envelhecimento Humano: breves considerações.....	50
3.2 O Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade como Meio de Garantir o Acesso à Educação na Terceira Idade. ....	53
CAPÍTULO 4 .....	56
SINGINIFICADO DA ARTE NO TRABALHO COM IDOSOS: análise dos dados... 56	
4.1 Projeto Canto Coral “Vozes da Sabedoria”. ....	58
4.2 Oficina de Fotografia. ....	60
4.3 Oficina de Teatro.....	64
4.4 Oficinas de Danças Populares. ....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	75
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	79
7 REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES .....	82
8 ANEXOS .....	83
9 APENDICE .....	86

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho “Serviço social, Arte e Velhice” tem como foco analisar a potencialidade da arte no trabalho com os idosos, tendo por base o Projeto Ético Político do Serviço Social, e tem o intuito de compreender se o trabalho com arte leva à mudança na percepção da realidade pelos idosos inseridos no Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade da Universidade Federal de Sergipe (NUPATI/UFS). Com o aumento da expectativa de vida, tem-se constatado o crescimento da população idosa no Brasil. Com isso, aumenta-se também a demanda desse segmento nas políticas públicas. Sendo usuários das políticas sociais viabilizadas pelo assistente social, torna-se pertinente discutir mecanismos de atuação que, além de viabilizar o acesso aos direitos, proporcione independência e emancipação. Portanto, pensar o potencial da arte, considerando-a enquanto objetivação do sujeito na atuação do assistente social é necessário e fundamental para categoria profissional. .

Tivemos por lócus de investigação o Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira idade, da Universidade Federal de Sergipe (NUPATI/UFS), por meio de pesquisa documental analisamos as atividades artísticas (de 2014 a 2016) e o seu significado para esse segmento. Nesse sentido, considerando esses aspectos, o estudo propôs compreender qual o significado da Arte no trabalho com os idosos, considerando-a enquanto categoria de mediação para o Serviço Social, e se da forma que é trabalhada no NUPATI/UFS tem contribuído para o reforço do Projeto Ético Político profissional.

Atualmente o NUPATI está apenas com a oficina de danças Populares, ministrada por um discente do curso de dança. Mas, como propomos analisar as atividades desenvolvidas entre 2014 a 2016, percebemos, através dos levantamentos documentais, que houve outros projetos nesse período, quais sejam: a Oficina de Canto Coral, a Fotografia e também uma iniciativa de trazer o teatro. Analisamos documentos, relatórios e listas de presenças, com o intuito de investigar categorias que pudessem nos proporcionar reflexões sobre a importância da arte.

Os resultados obtidos levaram a necessidade de aprofundar a temática “arte”. Para isso procuramos refletir sobre arte e o que é ser “artista”, considerando o significado de tais temática nas relações humana, na construção da sociedade no

decorrer do desenvolvimento da humanidade. Importa ressaltar que, após breves levantamentos históricos e reflexões crítica acerca da arte, enquanto objetivação do ser social, discussão central desenvolvido no capítulo 1, foi possível compreender a sua relevância para o Serviço social.

Nesse processo, percorremos a trajetória do Serviço social, principalmente brasileiro, para chegarmos à compreensão do que representa o Projeto Ético Político hegemônico dessa categoria, e, assim, estabelecer a relação com a arte, no sentido de perceber se pode ser estratégico e enriquecedor, esse relação entre arte e Serviço Social. Para isso recorreremos a análises bibliográficas, partindo de estudiosos do Serviço Social e da leitura de obras de György Lukács, Karl Marx e Augusto Boal.

Todo esse processo de análises, discussões e reflexões serviu para se dar conta da importância da arte para o Serviço social e para a atuação profissional com os usuários, sendo considerado nessa pesquisa pessoas igual ou a acima de 60 anos.

A questão do envelhecimento humano no Brasil tem despertado à atenção de estudiosos a partir da metade do século XX, pois, através de análises e pesquisas, tem-se constatado o crescimento no número da população Idosa. Podemos considerar esse crescimento como um progresso da humanidade, tendo em vista as mudanças na expectativa de vida, desde o surgimento da espécie humana até os dias atuais. Porém, é preciso refletir como cada comunidade/sociedade relaciona-se com idosos, em quais culturas e perspectivas estão inseridos. Com isso, no terceiro capítulo intitulado “Processo de Envelhecimento Humano, Velhice e Serviço Social”, procuramos discutir sobre esse processo, o quanto é específico o envelhecimento para cada indivíduo, e os impactos da cultura da sociedade para esse segmento, através de um resgate histórico desde as comunidades primitivas até os dias atuais, para que possamos perceber o envelhecimento nas relações sociais. Para obter tais informações e reflexões, fomos buscar em estudos, como teses de profissionais do Serviço Social, quais sejam: Brasileiro (2010), Pessôa (2010), Leão (2012), entre outros.

Compreendendo todo o contexto contraditório, complexo e excludente do sistema capitalista e da determinação direta desse modo de produção na cultura, política e relações sociais da sociedade, partimos da perspectiva de compreender os impactos desse processo no fenômeno do envelhecimento humano, inclusive na sociedade brasileira – considerando as suas especificidades. Procuramos compreender também,

ainda nesse terceiro capítulo, o posicionamento do Serviço social na atuação com os idosos.

Após refletir sobre todo esse processo procuramos discutir a relação entre Serviço social e Arte, no trabalho com os idosos, no quarto capítulo intitulado “O significado da Arte no trabalho com idosos”. Com isso, analisamos relatórios das atividades artísticas desenvolvidas no NUPATI, e também realizamos entrevista com duas discentes, as quais foram escolhidas por terem participado de mais de uma atividade artística durante o tempo que estiveram na instituição. Essas análises tiveram como intuito perceber qual a potencialidade da arte para a atuação com idosos.

Nas considerações finais, apontamos os resultados gerais dessa pesquisa e todas as inquietações que causou no pesquisador.

## CAPÍTULO 1

### A ARTE E SUA FUNÇÃO SOCIAL: RESGATE HISTÓRICO.

Este trabalho pretende analisar qual o potencial da arte no trabalho com os Idosos. Nesse momento, é necessário apontar o significado sócio histórico da arte e a sua função social na sociedade, a fim de perceber qual a concepção, ou seja, como é compreendida por estudiosos marxistas<sup>1</sup>, para em seguida refleti-la na atuação com os Idosos.

Apresentaremos discussões e reflexões a partir de autores como Lukács (1970), Marx e Engels (1996) e também de estudiosos do Serviço Social como Ferreira, Silva e Machado (2016); Santos (2012); Costa (2013); e Araújo (2013), que, por sua vez, compreendem a arte como dimensão do ser humano, como objetivação humana, como práxis produzida pelo homem que reflete a sua realidade.

Para Ferreira, Silva e Machado (2016, p. 187-188) A arte é “posição teleológica secundária”, pois, como outras categorias, parte do trabalho, que é o fundamento do ser social.

O trabalho é a posição teleológica primária. Através dessa atividade, a consciência humana deixa de ser passiva na sua relação com a natureza, tornando-se livre e autogovernada. A consciência, então, é uma qualidade humana desenvolvida no processo de trabalho, no processo em que a ação humana é refletida e planejada antes de sua objetivação diferentemente de todos os demais seres vivos. Nesse processo, os seres humanos têm a possibilidade de escolha entre meios mais adequados para alcançarem o fim desejado.

A relação do homem com a natureza dava-se de forma imediata para satisfazer as suas necessidades. O homem agia diretamente na natureza sem mediações para obter os alimentos, realizava atividades mecânicas como qualquer outro ser biológico da natureza. O indivíduo ainda não tinha desenvolvido a capacidade de projetar as suas

---

<sup>1</sup> Optamos por discutir a arte enquanto objetivação humana, partindo de estudiosos marxistas, devido à teoria social de Marx proporcionar a análise e compreensão da totalidade dos fenômenos. Além disso, o pensamento marxiano é a teoria que direciona o Serviço social brasileiro.

ações com intuito de chegar a um fim, ou seja, ainda não tinha desenvolvido a consciência de ser social.

A partir do momento que o indivíduo começa a projetar a ação, a refletir sobre as possibilidades que possuem para alcançar determinado fim, criando meios de objetivá-los, dominando dessa forma o seu metabolismo com a natureza, o homem passa a ter mais possibilidades de escolhas e projetar as suas ações antes de executá-las. O homem passa a mediar sua relação com a natureza através do trabalho, transformando a natureza e, conseqüentemente, a si mesmo.

Após desenvolver tal potencialidade, o homem se diferencia dos outros animais da natureza, constituindo-se agora como ser social. Esse pensamento pode ser visto em Marx (1996a, v. 1, p. 297-298):

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente.

Podemos perceber a diferença que separa as atividades dos outros animais para aquelas desenvolvidas pelo homem, pois o mesmo cria possibilidades para alcançar determinado fim, projetando e orientando teleologicamente a sua ação para transformar o objeto (a natureza). Desta forma, o indivíduo projeta em sua mente toda a sua ação antes de executá-la.

Com o desenvolvimento da consciência humana, a partir da relação entre homem e natureza, ela começa a ser previamente orientada. Não só a natureza será transformada, mas o homem também começa a transformar a si mesmo. É importante frisar que essa relação é para satisfazer as suas necessidades, chegar a determinado fim. Porém, a partir do trabalho o ser social passa a ter liberdade em suas escolhas nas atividades, pois pode decidir os melhores caminhos e instrumentos para chegar a sua finalidade.

Ao transformar a natureza e a si mesmo, o ser social cria novas necessidades que precisam ser sanadas, e desenvolvem novas capacidades.

Cada vez que transforma a natureza e gera algo novo, está construção terá influência direta no desenvolvimento de novas sensibilidades para a espécie e, ao aumentar as sensibilidades gera novas necessidades novas formas de organização, de serviços de vida (COSTA, 2013, p.15).

A partir do trabalho e do desenvolvimento de novas sensibilidades são desenvolvidas outras formas de objetivação humana. É a partir do trabalho que nascem outras formas de práxis, que se tornaram fundamentais quanto o trabalho, chegando a não depender do mesmo.

A práxis é todo o processo de criação objetiva e subjetiva do caminho que será percorrido para chegar a determinada finalidade. Porém, é preciso compreender que “todo trabalho é práxis, mas nem toda práxis é trabalho”. Pois, trabalho requer a transformação da natureza para obtenção de valores de uso, como argumenta Marx e Engels (1996a, v.1, p. 300) na passagem a seguir:

No processo de trabalho a atividade do homem efetua, portanto, mediante o meio de trabalho, uma transformação do objeto de trabalho, pretendida desde o princípio. O processo extingue-se no produto. Seu produto é um valor de uso [...].

Nesse sentido, o trabalho, ou seja, a “práxis produtiva”, é a transformação direta da natureza para satisfazer uma necessidade do homem, porém, como dito anteriormente, através do trabalho, o ser social passa a ter liberdade no seu processo de transformação da natureza.

As práxis subdivididas por Vásquez (1977) representam diferentes formas de objetivação humana, sendo uma delas, a arte:

Esse [...] autor (VÁZQUEZ, 1977) aponta que, a práxis se apresenta sob diversas formas específicas, mas todas elas são concordantes no fato de se tratar da transformação de uma determinada matéria-prima e da criação de um mundo de objetos humanos ou humanizados, essas são: a práxis produtiva (transformação da natureza pelo trabalho humano, em que o homem se produz, forma ou transforma a si mesmo); a práxis artística (que permite a produção ou criação de objetos humanos ou humanizados que elevam a capacidade de

expressão e objetivação humanas); a práxis científica (cuja finalidade imediata é teórica); e a práxis social (atividade de grupos ou classes sociais que leva a transformar a organização e direção da sociedade). Ele apresenta esta última, como uma práxis política cuja forma mais elevada é a práxis revolucionária. (BATISTA, 2007, p. 13).

É importante salutar que realizamos todo esse caminhar para chegar à reflexão da arte enquanto práxis, como se dá esse desenvolvimento e a importância de entendê-la como objetivação humana.

A arte, entendida como práxis, como objetivação da racionalidade humana, possui o potencial de fazer o indivíduo reconhecer a sua humanidade.

A arte é um produto humano refletindo sua realidade, e realiza tanto no criador quanto no receptor a unidade individual do sujeito com o objeto, de forma que na expressão de sua obra “embora seja uma coisa em si, contém ao mesmo tempo algo para nós, contém o sujeito nela, contém algo tanto do sujeito criador como do sujeito receptor virtual” (HELLER, 1986, p. 130). (SANTOS, 2012, p 4).

Assim como no trabalho, o ser humano parte da sua realidade para conseguir instrumentos e poder transforma o seu meio que em que vive; jamais o homem transformaria a madeira em um instrumento que possibilite a retirada de uma fruta na árvore se a madeira não existisse no seu cotidiano, por exemplo. É essa característica que a práxis artística possui, de refletir a realidade, o dia a dia, o cotidiano.

Deste modo, encontra expressão o humanismo da representação artística. O particular como categoria estética abraça o mundo global, interno e externo, e precisamente como mundo do homem da humanidade; as formas fenomênicas sensíveis do mundo externo, por isso são sempre – sem prejuízo para sua sensibilidade intensificada, para a sua imediata vida própria – signos da vida dos homens, de suas relações recíprocas, dos objetos que mediatizam estas relações, da natureza em seu intercâmbio natural com a sociedade humana [...] (LUKÁCS, 1970, p.262).

Aqui Lukács (1997) chama atenção para a particularidade como categoria do estético, a qual transitou pelo o universal e singular, e trouxe em si características desses dois fenômenos. O singular é o que o indivíduo tem de sua peculiaridade, seus sentidos e emoções, já o universal é a realidade, o cotidiano, as leis do meio o qual esse

indivíduo está inserido. O particular (particularidade) serve como unificação dessas duas dimensões, considerando os elementos de ambos, se apresenta enquanto fenômeno. Buscando a arte para dar o exemplo, o artista observa a sua realidade, no momento de produção exprime o que ele lhe apresenta, mas também considera a suas emoções, seus sentimentos diante desse contexto o qual o mesmo convive. É uma relação recíproca, a obra de arte, o produto em si, apresenta sinteticamente uma realidade de um contexto e os sentimentos dos indivíduos que nele habitam.

Uma obra de arte é, antes de qualquer coisa, uma criação do homem e vive graças à potência criadora que encarna esse ponto de vista. Precisamente, por ser uma forma superior de criação e testemunho excepcional da existência criadora, o humano está sempre presente em todo o produto artístico, por isso, a criação artística como produto do homem se dá mediante uma relação objetiva e subjetiva, e o universal humano que ela realiza não é o universal abstrato e intemporal, mas sim, o universal humano que surge no e pelo particular (COSTA, 2013, p.20).

Na pré-história o homem utilizou-se da arte com fins estéticos, pois tinha naquele momento outra necessidade que seria suprida através da arte. É importante frisar o caráter transformador das práxis artísticas e o reconhecimento do indivíduo enquanto ser humano criador. Sendo assim, o produto artístico servia-se de decoração das cavernas suprimindo uma necessidade posta por aquele indivíduo. Posteriormente a arte adotaria outro significado muito importante, que é o de através de pinturas rupestres desenhadas nas paredes das cavernas, demonstrar os animais que lhe davam algum risco de vida, o homem poderia se proteger e até caçar o seu alimento (COSTA, 2013).

O homem nessa fase da história, apresenta-se, portanto, apto para criar e sensível para apreciar o estético; o “estético” é a ciência que trata dos fundamentos da arte, além do belo ou privação dele – e do sentido que ele desperta nas produções das emoções. Tal ciência constitui uma dimensão essencial da existência humana e do homem enquanto ser criador, bem como a necessidade que o homem tem de afirmar-se como ser humano e de manter-se e elevar-se como tal (COSTA, 2013, p.17).

O ser social usa da criação artística para apreciação, como citado por Costa (2013), contudo, nesse mesmo período a práxis artística é desenvolvida para outras

finalidades, além da estética servindo para apontar os perigos que alguns animais ofereciam o indivíduo.

Além disso, as considerações históricas realizadas por Vásquez (2010) demonstra um movimento em que o homem, após transitar do útil ao estético, volta de novo ao útil. Faz-se visível, portanto, a importância da arte na vida social em dois sentidos: no primeiro momento como necessidade geral do homem de criação e apreciação do estético e, posteriormente, como um efeito mágico capaz de motivar previamente a intencionalidade de uma ação (COSTA, 2013, p. 18).

A arte nas sociedades primitivas teve o movimento de ser útil para algo, depois servir de apreciação estética, e, em seguida, voltar ao útil, transpassando informações que beneficiariam não só o seu criador, mas também a outros seres humano.

Com o desenvolvimento das forças produtivas e dos diferentes modos de organização social, a arte foi ganhando diferentes significados, por vezes perderia o seu caráter livre, enquanto práxis, e, assim, descaracterizando-se como objetivação humana.

[...] Com o passar do tempo, a religião e a arte eram fundidas em uma forma primitiva de magia, a qual existia em seu estado latente, em seu cerne, desse modo, a arte era vista na sociedade como forma de magia, um poder conferido a algumas pessoas (Fischer, 1971). Como a arte era ligada a religião e à magia, foi dado a ela um caráter exterior ao ser humano, alienado a ele; logo, a arte como dimensão da vida humana era transformada em um “ato mágico”, ligado a ritos religiosos. A fetichização da arte – associada ao fato de que, ao longo da história da humanidade, ela tenha sido comumente obrigada a trilhar os caminhos preestabelecidos pela religião – resultou na subestimação de um dos aspectos mais importantes e mais desvirtuados da face e dimensão do conhecimento humano (Konder, 2009) (...) (FISCHER, 1971; KONDER, 2009 apud SCHERER, 2016, p. 57.).

A partir do surgimento da propriedade privada os homens foram perdendo a sua liberdade no momento da produção, sendo obrigados a produzir a favor de determinadas classes que deterão os meios de produção. Tais classes dominantes não determinam somente o modo de produção da sociedade, mas também a ideologia, a cultura, a economia e a política. Contudo, nas sociedades onde predominava a ideologia religiosa a arte fora utilizada e conservada, porém em um viés diferente daquela sua especificidade. Quando se tira o caráter transformador da arte, perde-se a capacidade de o homem se conhecer enquanto sujeito criador, e dando essa capacidade a poderes metafísicos, no tocante a crenças religiosas.

Dessa forma, aconteceu na sociedade feudal, composta por senhores feudais, servos, clero e artesões. Os servos eram submissos aos senhores feudais, habitando nas suas terras deviam favores aos senhores. Durante esse contexto histórico, a religião tinha forte influência no cotidiano do indivíduo, determinando, portanto, a ideologia da época. Considerando isso, a arte perde sua característica material, e real, estando submissa a algo transcendental, e divino, tirando do sujeito social o seu potencial de criador. Esse processo, que aliena, prende a uma transcendência, tirando da arte seu caráter “cismundano”, ou seja, de estar conectada aqui na vida material (ARAÚJO, 2013).

Mesmo estando presa a ideologias religiosas, surgiram artistas com intuito de criticar esse processo, evidenciando um caráter crítico a arte, que serviria de crítica ao contexto alienador do indivíduo.

Com o desenvolvimento e expansão do comércio, a burguesia começa a ganhar força econômica ainda dentro da sociedade feudal, o que mais tarde traria a hegemonia do seu modo de produção no século XVIII. O significado social da arte continuaria sofrendo modificações na sociedade capitalista, porém agora receberia características que trariam a manutenção da ordem imposta por esse modo de produção, e o processo de torná-la mercadoria se adensaria no decorrer da consolidação dessa sociedade.

Com o desenvolvimento do comércio, o produto artístico começa a ganhar sentidos diferentes das outras sociedades de classe, como a comunidade primitiva, por exemplo. A arte será tida como artigo de luxo, apenas para aqueles que pudessem comprar poderia apreciar “a arte”.

É preciso refletir sobre a importância da resistência e da utilização da arte enquanto estratégia para livrar-se da condição de explorado, e, principalmente, da realidade de desigualdade, deixando ao indivíduo a liberdade de produzir.

Como sinalizado, por ser uma produção de cunho especificamente humana, a arte pode e deve servir nessa sociedade burguesa, de instrumento pedagógico emancipador para os trabalhadores sociais, fazendo com que o mesmo se reconheça enquanto ser criador.

Com desenvolvimento do modo de produção capitalista (MPC), que se consolidaria tornando-se hegemônico no século XVIII, a dinâmica da sociedade passa a

ser influenciada pelo modo que os detentores dos meios de produção ditavam, sempre evidenciando os seus interesses particulares. A desigualdade social e a exploração do trabalho alheio continuavam, porém, o discurso utilizado era de que agora o trabalhador era livre para vender a sua força de trabalho. Mas, o modo de produção burguês é complexo e contraditório, e traria consigo fortes rebatimentos objetivos e subjetivos para a classe trabalhadora.

Os trabalhadores, agora “livres”, não tinham nada a não ser a sua força de trabalho para vender. Os capitalistas, por ter expandido seus negócios, e por serem detentores do meio de produção, precisam agora de um dos instrumentos para tocar a sua produção para frente, pois sem a força do “trabalho vivo” não existe produção. Ao vender a sua força de trabalho, o homem passa a ter o seu trabalho alienado ao capital, a relação estabelecida no campo da produção cria uma série de contradições – inerentes a esse modo de produção – aonde o trabalhador vai perdendo toda a sua apreensão do material que cria e de seu potencial de produtor (MARX; ENGLÉS, 1996b).

Não cabe aqui fazer profundas análises sobre o Modo de Produção Capitalista, apenas apontar sua dinâmica, e as consequências geradas para os trabalhadores, a fim de compreendermos o processo de alienação, o papel da arte nessa sociedade, e de que forma a práxis artística pode contribuir para a emancipação do indivíduo.

Nesse modo de produção, o trabalhador perde o seu poder de decisão, a sua liberdade na produção. A liberdade de decidir o que produzir, como produzir e quando produzir. Um dos exemplos que podemos citar ao refletir sobre esse fenômeno, é que, com o desenvolvimento e expansão do modelo de produção capitalista, o homem foi apenas tendo acesso a um tipo de trabalho específico, ou seja, ele agora ao invés de produzir uma calça, produz apenas o botão da calça, e, dessa forma, tem apenas conhecimento da parte que criou. O indivíduo deixa de se reconhecer enquanto produtor, e, além disso, não tem acesso ao que produziu, pois o que ganha enquanto salário não condiz com o que ele produz.

O trabalhador nesse processo está alienado, desprovido dos meios de produção para efetivar seu trabalho ele precisará vender a sua força de trabalho para quem detém esses meios, o capitalista.

[...] A alienação é um processo social que produz impactos objetivos e subjetivos. Objetivamente os homens estão separados dos meios de produção, do planejamento, do produto, e da relação com os outros homens. Subjetivamente os homens estão separados do reconhecimento de que o processo de alienação é produção humana, resultante da separação dos trabalhadores dos meios de produção e conseqüentemente do planejamento, e do produto do trabalho. Conseqüentemente homens e mulheres estão alienados do reconhecimento de si no outro e nas relações sociais nas quais estão inseridos [...]. (FERREIRA; SILVA; MACHADO, 2016, p.191).

A alienação será aprofundada no capital e faz com que a classe trabalhadora não se reconheça como tal e perca de vista toda a exploração a qual está sendo submetida. E, além disso, vai perdendo a capacidade de se perceber enquanto ser social, enquanto sujeito capaz de criar, de produzir.

Torna-se alarmante as conseqüências desse processo do capital, aumenta-se o nível pauperismo: quanto mais a classe trabalhadora cria riqueza, menos terá acesso a ela. Podemos perceber que, diferentemente de sociedades anteriores, a pobreza crescia por escassez, por falta dos produtos, e por um avanço precário das forças produtivas. Com o Modo de Produção Capitalista (MPC) amplia-se a pobreza na mesma proporção a qual crescia a riqueza.

*Pela primeira vez na história registrada, a pobreza crescia na razão direta em que aumentava a capacidade social de produzir riquezas. Tanto mais a sociedade se revelava capaz de progressivamente produzir mais bens e serviços, tanto mais aumentava o contingente de seus membros que, além de não terem acesso efetivo a tais bens e serviços, viam-se despossuídos das condições materiais de vida de que dispunham anteriormente (NETTO, 2007, p.153, grifos do autor).*

A riqueza é socialmente produzida, ou seja, o contingente da classe trabalhadora é o responsável por produzir as riquezas materiais que não tem acesso. Ao conviverem em situação alarmantes de pobreza e perceberem o quanto eram explorados, enquanto a classe dominante usufruía do luxo, os trabalhadores percebem-se (através da luta) enquanto “classe para si” (NETTO, 2007). Esse fenômeno constitui a “questão social” através dos desdobramentos sócio-políticos, pois

[...] Mantivessem-se os pauperizados na condição de cordata de vítimas do destino, revelassem eles a resignação que Comte considerava a grande virtude cívica e a história subsequente haveria sido outra. Lamentavelmente para a ordem burguesa que se consolidava, os pauperizados não se conformaram com a situação: da primeira década até metade do século XIX, seu protesto tomou as

mais diversas formas, da violência *luddista* às instituições sociais existentes. Foi a partir da perspectiva efetiva de uma eversão da ordem burguesa que o pauperismo designou-se como “questão social”. (NETTO, 2007, p. 154)

É a partir do despertar de classe que os trabalhadores começam a reivindicar por direitos, através de mobilizações, quebrando as máquinas nas fábricas, pois, a priori, culpabilizavam as mesmas pela a sua exploração. Após perceber os seus “inimigos” seria preciso pressioná-los. Contudo, “questão social” subtende-se como luta de classes.

Porém, esse quadro de mobilização se reverte, uma vez que, a burguesia cria mecanismos para manter os trabalhadores alienados, desde respostas através de políticas sociais que não vinham com cunho de mudança da ordem, mas como medidas paliativas, buscaram também promover influências ideológicas através de estudiosos, e da Igreja que conseqüentemente proporcionariam uma amenização na organização da maioria dos trabalhadores (NETTO, 2007).

Além da alienação, com o agravamento da “questão social” – luta de classes – as expressões da “questão social” afetariam profundamente a sociedade, principalmente a classe trabalhadora. Com a pressão dos trabalhadores conseguimos conquistar ao longo da história alguns direitos, mas esses não contêm intuito de erradicar esse modo de produção, só de amenizar, minimamente, as questões gritantes da sociedade, pois o fundamento dessa sociedade é a obtenção do lucro, é a propriedade privada dos meios de produção. É preciso afirmar que é inerente a essa sociedade a exploração e a desigualdade, somente livrando-se dela, é possível livrar-se da desigualdade estabelecida. Pois, com o desenvolvimento da tecnologia, para aprimorar a produção, obtivemos avanços os quais proporcionaria mais autonomia em relação à natureza.

É importante salientar que o sistema capitalista tem a crise como um fenômeno inerente a sua natureza, ou seja, “... não existe capital sem crises...” (NETTO; BRAZ, 2012). Durante o processo de produção e escoamento dos produtos, a contradição criada pelo sistema, faz com que esses processos passem por complexidades. Questões de competitividade entre os capitalistas, abarrotamento do comércio com dificuldades de escoar produtos, são alguns dos fenômenos que contribuem para as crises do MPC. É relevante tratar sobre isso, pois essas crises trazem impactos objetivos e subjetivos para a classe trabalhadora, o mundo do trabalho e para a sociedade de forma generalizada.

Para se reerguer desse período em que eles param de ter aumento na taxa de lucro, os capitalistas precisam reorganizar o mundo do trabalho, através, principalmente, com a introdução novas tecnologias, modificando o modelo de

produção, e gerando ainda mais desempregos, pois o importante no MPC é voltar a acumular riquezas, a gerar mais valia.

Esse processo afeta diretamente a classe trabalhadora, pois são os que mais sofrem as consequências das crises capitalistas. Desemprego (como já citado), fome, violência e todos os tipos de desigualdades na sociedade. Dito de outro modo, as crises no MPC intensificam as expressões da “questão social”. De todas as crises vivenciadas pelo capital desde o século XVIII, a última instaurada na década de 1970 é a que mais demonstra graves consequências, subjetivas e objetivas para a população.

O profundo processo de alienação do homem invade todos os campos da sua vida social, transformando seus direitos em mercadorias. Tudo passou a serem estratégias para obter lucro, para acumular riquezas, por isso, até as áreas que até o século XIX e XX não eram de interesses do capital, começam a ser comercializadas no século XXI.

A arte, que já vinha sendo utilizada como mercadoria desde os séculos anteriores, passa por esse processo de alienação, agora contribuindo para permanência do *status quo*. Não interessa para o capitalista uma arte crítica, que apresente reflexões sobre o cotidiano<sup>2</sup> da sociedade burguesa.

Costa (2013) e Araújo (2013) subdividem a Arte como: Arte para Elite, Arte para a Massa e Arte popular. Sendo a primeira conhecida como “a arte verdadeira” a qual a classe menos favorecida não tem acesso; a segunda é a mais divulgada por meio da indústria cultural, uma produção que não reflete criticamente o cotidiano alienado do capitalismo (em seguida trataremos sobre ela); a terceira é a arte do povo, popular, que geralmente apresenta críticas à rotina vivenciadas pelos indivíduos no seu cotidiano.

É importante frisar que nessa sociedade a arte ganha diferentes sentidos, pois ao apropriar-se da mesma e tê-la como mercadoria, a classe dominante acaba escolhendo o que será produzido, promovendo um movimento que ocultará o caráter de objetivação humana.

Aqui argumentamos que, no contexto capitalista, o fato da arte ser transformada em mercadoria e o homem, o artista, não se reconhecer enquanto produtor, algumas

---

<sup>2</sup> A cotidianidade é o campo privilegiado de reprodução da alienação, tendo em vista sua repetição acrítica dos valores, sua assimilação rígida dos preceitos e modos de comportamento, seu pensamento repetitivo e ultrageneralizador. No da moral, a alienação da vida cotidiana se expressa, especialmente, pelo moralismo, movido por preconceitos (BARROCO, 2010b, p. 46).

vezes pensam e falam em dom, quando na verdade a arte enquanto produto humano, criado pelo mesmo, pode ser trabalhada por qualquer ser humano, basta apenas ser estimulado para isso. A ideia da arte enquanto “dom”, algo doado por seres transcendentais, a determinados indivíduos, vem desde a predominância da ideologia religiosa sobre a vida dos indivíduos. Na sociedade capitalista essa visão se adensa.

O artístico quando trabalhado de forma crítica-reflexiva, observando o seu contexto histórico, possui o potencial emancipador, ou seja, tem a capacidade de refletir a realidade. Ao usar da particularidade (enquanto categoria da estética) para pensar o contexto, considerando a sua totalidade complexa, o indivíduo possui a liberdade de suspender o cotidiano, aqui ele (artista) considera também a sua subjetividade, o seu singular. Após passar por todo esse processo, e retornar a sua vida social, o artista propõe intervenções críticas a imediatividade acrítica do cotidiano, proporcionando, algumas vezes, a transformação na consciência dos que apreciarão a sua obra. Essa é a função social da práxis artística que nos interessa, é esse movimento da arte que precisa ser evidenciado para promover a emancipação do ser humano, na sociedade burguesa. A arte estando a serviço do ser social, a ponto de auxiliá-lo a agir de forma consciente e crítica, reconhecendo-se enquanto ser criador. Costa (2013, p. 20) chama todo esse processo de cartase:

A cartase diz respeito a um momento de purificação pois é, justamente por meio dela que o sujeito se afasta da vida cotidiana, suspendendo a vivência alienada. Nesse aspecto, a arte cumpre uma importante função do ponto de vista da libertação de emoções, mas também do educar dos sentidos.

Na sociedade burguesa contemporânea a arte é utilizada justamente ao contrário de tudo isso. Com a indústria cultural, o que está em evidência, hoje em dia, é a arte que contribui para permanência do *status quo*, a continuidade desse modo desigual de sociedade. O mercado determina o que é arte. A grande população tem acesso a uma arte de massa, que não possui, sobre hipótese alguma, uma característica crítica do cotidiano, que seja emancipadora. Em rádios, novelas, por exemplo, o que ganha destaque é esse produto, que acaba não só “prejudicando” o receptor, mas também o próprio artístico, que não se reconhece no seu produto, apenas precisa vendê-lo. Aqui também se amplia a ideia de que somente aqueles que têm o dom podem ser artista, tirando dessa forma o caráter humano da arte.

Ao pensar esse contexto em que está posto a arte é preciso uma análise bastante cuidadosa e amplificada, o que não daria tempo para esse estudo, pois, abarca uma complexidade que afeta não só o objetivo, a realidade, mas o subjetivo do indivíduo.

É preciso perceber que a crise do capital afeta todos os cantos da vida dos indivíduos, principalmente da classe trabalhadora, e, por isso, é que se precisa de análises ricas para que não sejam feitas críticas superficiais, sem conseguir chegar à essência do fenômeno.

Após essa reflexão, percebemos que estamos lidando com uma realidade complexa, contraditória e dinâmica, que se dar no “aqui agora”. Nesse contexto, a arte pode e deve servir de importante instrumento mediador, no diálogo proposto para emancipação do indivíduo, pois a mesma trabalha não só o intelecto do indivíduo, mas também a sua sensibilidade. E é preciso fazer com que o mesmo perceba que está inserido em um sistema que lhe explora, que tira seus direitos civis, políticos e sociais, priva-lhe de viver uma liberdade plena, de saborear de suas produções sem que seja obrigado a produzi-las para valores de troca.

## CAPÍTULO 2

### SERVIÇO SOCIAL E A ARTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Diante do contexto desumano do capital, trabalhadores sociais (psicólogos, pedagogos, advogados, médicos, assistentes sociais, entre outras) são convocados a intervir na relação tensa entre capital e trabalho. Os assistentes sociais têm como objeto de intervenção as expressões da “questão social”, criadas, reproduzidas e desenvolvidas no modo de produção capitalista (Cf. Capítulo 01). Com isso, os assistentes sociais têm atuação direta com essas expressões, que se apresentam, por vezes, de forma imediata.

O Serviço social durante o seu surgimento passou por processos diferenciados no tocante a ética e a moral que davam bases as suas ações. É preciso deixar claro que o Serviço Social é determinado pelas especificidades dos contextos históricos e das particularidades regionais.

De forma mais ampla, o seu *ethos profissional*<sup>3</sup> de início teve forte ligação com a cultura tradicional, a qual tinha a “questão social” de forma moralista, como aponta Barroco (2010a, p. 73-74):

Dando por suposto que o Serviço Social contribui, de forma específica para a reprodução das relações sociais capitalistas, cabe assinalar as mediações ético-morais desse processo; na origem da profissão, vinculam-se: 1) à função ideológica da moral; 2) ao tratamento da “questão social”, tendo em vista os interesses de legitimação do Estado burguês e a presença de projetos sociais conservadores, dentre eles o da Igreja Católica; 3) à existência de profissões potencialmente adequadas a tal tratamento.

Os profissionais, principalmente na gênese da profissão, atuavam na perspectiva conservadora tradicional, contribuindo de certa forma para manutenção da ordem capitalista, sem promover profundas críticas ao modo que ele se desenvolve. É importante colocar que o contexto político, cultural, social e econômico contribuía para essa atuação; ideologias e interesses particulares daquela época davam bases para a atuação do assistente social. Além disso, não podemos deixar de lado que essa categoria profissional surgiu ligada aos preceitos da Igreja católica, conseqüentemente trouxe em sua ação profissional a perspectivas da mesma.

---

<sup>3</sup> Neste sentido, o *ethos profissional* é um modo de ser constituído na relação complexa entre as necessidades socioeconômicas e ídeo-culturais e as possibilidades de escolha inseridas nas ações ético-morais, o que aponta para sua diversidade, mutabilidade e contraditoriedade. (BARROCO, 2010, p. 68).

No Brasil essa característica seguia fortemente no início do século XX. A atuação dos assistentes sociais era embasada no conservadorismo herdado, como já dito, da Igreja Católica e também do ideal positivista. Porém, é importante sinalizar as particularidades do país, como afirma Barroco (2010a, p. 74-75):

No cenário das transformações instituídas pelo capitalismo. No Brasil, o Serviço Social recusa a ordem burguesa, tratada como uma formação social capaz de trazer o progresso, mas, simultaneamente, os “desajustes”, isto é, a “desintegração da família, da comunidade, dos valores tradicionais”. Essa visão “anticapitalista” funda uma análise moralista da realidade social; permite que as relações de trabalho não sejam avaliadas pelas suas contradições fundantes e sim pelas suas consequências morais (BARROCO, 2010a, p. 74-75).

Percebemos que a crítica que era feita a ordem burguesa dirigia-se ao “mal” que a mesma causava a família e a sociedade, mas eram discursos meramente morais e conservadores. Essa moralização da realidade acabou demonstrando o seu lado político-ideológico, convergindo para um projeto social conservador, preocupado com “A ordem da sociedade”, ordem não poderia ir de encontro aos dogmas da Igreja Católica. Tais intuítos e valores eram possíveis serem encontrados no positivismo e neotomismo, bases da formação no Serviço social em sua origem.

Ao analisar a configuração histórica dos valores e da família na sociedade brasileira, Azzi aponta as formas de pensar que, no início do século XX, orientam a reprodução da família nos moldes conservadores: o positivismo e o pensamento católico. O autor evidencia que, em termos de valores, ambos se opõem às ideias liberais e socialistas; negam a participação da mulher na vida pública (no trabalho e na política), defendem a preservação da família tradicional e uma determinada conduta moral repressiva que vincula o papel da mulher a determinados atributos entendidos como parte da sua “natureza” (BARROCO, 2010a, p. 76-77).

Esses valores moralistas fogem literalmente da perspectiva de uma moral e ética emancipadora, no seu sentido ontológico. Os valores fazem parte da ontologia do ser social, do desenvolvimento do trabalho, esse enquanto fundamento do ser social, que desenvolve a capacidade humana de escolha, de decidir entre as alternativas concretas para a objetivação do produto.

É importante perceber também que a crítica destinada ao capitalismo, feita pela Igreja, não partia da forma como esse modo de produção explorava o trabalhador. A oposição da Igreja se dava apenas aos valores morais da família que eram “afetados”. A moral era tida como valores subjetivos, inatos ao homem, onde o mesmo tinha que desenvolver a capacidade de ser “bom” (BARROCO, 2010a).

Entende-se a moral como parte da práxis, pois é entendida como teologia secundária. Considerando tais aspectos, podemos percebê-la como um dos meios para emancipação, pelas vias da liberdade de escolha. Entretanto, essa capacidade pode ser modificada diante de meios de alienação e que invertem literalmente o papel da moral. (BARROCO, 2010b).

A ética em seu sentido crítico também passa por transformações, diante dos contextos exigidos. Pois, a mesma também considerada como práxis, perde sua potencialidade de liberdade. “Conforme nossa análise, a gênese da ação ética é dada pela liberdade, compreendida ontologicamente como uma capacidade humana inerente ao trabalho, tomado como práxis” (BARROCO, 2010b, p. 57).

Como dito, é através do trabalho, que o ser social desenvolve o potencial de escolhas, e ao escolher o sujeito conseqüentemente está valorando. Ao usar da moral, como condição crítica de liberdade, o indivíduo eleva-se ao humano-genérico, ou seja, o mesmo passa a ser um sujeito ético aquele que sai do seu singular para transitar no universal e propor ações libertadoras. Barroco (2010b) recorrerá autores como Lukács para melhor explicitar essa transição de sujeito ético, por isso, apresentamos aqui uma passagem dessa reflexão:

Entendemos que a moral é uma forma, historicamente construída, de objetivação da capacidade ética do ser humano-genérico, mas nela não esgota suas potencialidades. A partir de Lukács, consideramos que, quando o indivíduo, através da moral, eleva-se ao humano-genérico e coloca-se como representante do gênero humano para si, ele então está agindo como sujeito ético, como particularidade, individualidade livre (BARROCO, 2010b, p. 64).

Na sociedade burguesa o indivíduo alienado vai perdendo a sua capacidade de elevar-se ao humano genérico, de reconhecer-se enquanto ser social. E, diante do contexto socioeconômico e ideo-cultural produzido no capitalismo, existem possibilidades de tais ideias rebaterem nos projetos profissionais. Assim, ocorreu com a atuação do assistente social que em sua origem, por estar ligada à Igreja teve fortes

influências das ideias defendidas pela mesma na época. Yazbek (s/d, p. 04) situa a gênese do Serviço social no Brasil:

É, pois, na relação com a Igreja Católica que o Serviço Social brasileiro vai fundamentar a formulação de seus primeiros objetivos político/sociais orientando-se por posicionamentos de cunho humanista conservador contrários aos ideários liberal e marxista na busca de recuperação da hegemonia do pensamento social da Igreja face à "questão social". Entre os postulados filosóficos tomistas que marcaram o emergente Serviço Social temos a noção de dignidade da pessoa humana; sua perfectibilidade, sua capacidade de desenvolver potencialidades; a natural sociabilidade do homem, ser social e político; a compreensão da sociedade como união dos homens para realizar o bem comum (como bem de todos) e a necessidade da autoridade para cuidar da justiça geral (YAZBEK, s/d, p.4).

Como citado, o Serviço social brasileiro não possui diferenças substanciais do Serviço Social internacional, quando pensamos no teor conservador que lhe dará bases. A moralização da “questão social” ganhava fundamento na ideologia cristã, e, no Brasil, ganharia também influências do positivismo. Devido fazer parte da sua essência, a contradição no capitalismo possibilita a pressão da classe trabalhadora através de lutas sociais, o que acarreta em novas formas de pensar a sociedade.

Durante sua trajetória na sociedade brasileira, o Serviço social foi influenciado por correntes filosóficas e pela Igreja como exposto acima, que dariam bases para o modo de ser da profissão com os seus usuários. Os códigos de ética profissional de 1948, 1965, 1975 viriam carregados de conservadorismos, mas com especificidades e algumas diferenciações. Todos tiveram como base teórica o Tomismo<sup>4</sup>. Porém, os códigos de 1965 e 75 trazem em si elementos que os diferenciam.

O código de 1965 atribuiu o trabalho do profissional em órgãos público, de forma democrata com fins a conseguir um estabelecimento de ordem social justa, e também considerava os fundamentos teórico-metodológicos, diferentemente do código de 1948. É importante mencionar também que, a partir da década de 1960 o Serviço Social é requisitado enquanto profissão, ocupando um lugar na divisão sócio-técnica do trabalho. Tais processos se tornam interessantes devido às consequências das primeiras críticas destinadas ao conservadorismo da profissão, apesar de mínimas, que acabaram ganhando eco no corpo profissional, através do movimento de Reconceituação durante a

---

<sup>4</sup> Ideias de São Tomas de Aquino, teólogo e filósofo italiano.

década 1960. Porém, o que ganha evidência na profissão, não é uma crítica que se destinava ao modo de produção capitalista (BARROCO, 2010a).

O código de 1975 traz componentes diferentes, com algumas características mais conservadoras comparado com o de 1965, pois são retirados todos os pressupostos que vinham dando passos progressivos em relação à democracia e ao pluralismo. Eis aqui a *reatualização do conservadorismo* (NETTO, 2005)<sup>5</sup>, consequência de um contexto de repressão ditatorial.

Com o desenvolvimento do capitalismo serão trazidas reorientações para profissão, pois é preciso que sejam atendidas as necessidades postas por esse sistema, desta forma serão exigidas uma qualificação e sistematização dos espaços sócio-ocupacionais do profissional.

Nesse contexto, a legitimação do profissional, expressa em seu assalariamento e ocupação de um espaço na divisão sócio técnica do trabalho, vai colocar o emergente Serviço Social brasileiro frente à matriz positivista, na perspectiva de ampliar seus referenciais técnicos para a profissão. Este processo, que vai constituir o que Iamamoto (1992, p. 21) denomina de "arranjo teórico doutrinário", caracterizado pela junção do discurso humanista cristão com o suporte técnico-científico de inspiração na teoria social positivista, reitera para a profissão o caminho do pensamento conservador (agora, pela mediação das Ciências Sociais). (YAZBEK, s/d, p. 6).

Era assim que a profissão usava como fundamentação teórico-metodológica para a sua atuação o positivismo. Yazbek (s/d) nos lembra de que a “doutrinação e o conservadorismo não são teorias sociais“

Após percorrer uma trajetória de convergência com o conservadorismo, o Serviço social viria a questionar esse modelo nos anos de 1960, quando entra em contatos com organizações, movimentos e também com a perspectiva marxista (que influenciou segmentos católicos), que ganhava corpo no continente latino americano, e trazia reflexões de perspectiva crítica sobre a possibilidade de erradicação da sociedade capitalista. Esses fenômenos instigaram os profissionais à reflexão acerca de sua atuação, enquanto profissão circunscrita na divisão sócio-técnica do trabalho, e atuando

---

<sup>5</sup> [...] A singular pesquisa de Netto (2005) e a sua análise do conjunto do material pesquisado permitiram-lhe constatar que a erosão do Serviço Social tradicional se desenvolveu em três direções distintas, consideradas como perspectivas ou tendências profissionais: *a perspectiva modernizadora, a reatualização do conservadorismo e a intenção de ruptura*. [...] (BEZERRA, 2013, p. 23).

com as expressões da “questão social”. Tais modificações só ocorreram durante o contexto de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que durante a década de 1960, ganhava força no continente e traria para América Latina uma forma diferenciada e subalterna de se desenvolver.

A ruptura com costumes e valores de ordem moral é sempre relativa a condições históricas favorecedoras de questionamentos que remetem vida cotidiana, explicitando conflitos e contradições e possibilitando novas alternativas e escolhas. Dada à dinâmica da sociedade, tais possibilidades estão potencialmente presentes na vida social, no entanto, determinados momentos históricos são particularmente propiciadores de sua expressão. A década de 1960 é um desses momentos (BARROCO, 2010a, p. 99-100).

Claramente articulado para barrar pensamentos críticos que viam de encontro ao sistema capitalista, instaura-se processos de repressões, por exemplo, em 1964 aconteceu o golpe militar na sociedade brasileira, que durou cerca de 20 anos, aonde viria reverter à perspectiva crítica do movimento contestador, que influenciou o Serviço social.

É importante assinalar que é no âmbito do movimento de Reconceituação e em seus desdobramentos, que se definem de forma mais clara e se confrontam, diversas tendências voltadas a fundamentação do exercício e dos posicionamentos teóricos do Serviço Social. Tendências que resultam de conjunturas sociais particulares dos países do Continente e que levam, por exemplo, no Brasil, o movimento em seus primeiros momentos, (em tempos de ditadura militar e de impossibilidade de contestação política) a priorizar um projeto tecnocrático/modernizador, do qual Araxá e Teresópolis são as melhores expressões. (YAZBEK, s/d, p. 8)

No final da década de 1970 e início de 1980, com o declínio da ditadura e a crise do sistema capitalista que se estabeleciam, movimentos populares começaram a criticar a situação política, social e econômica do país. Nesse contexto o movimento de Reconceituação voltou a contestar a prática do assistente social, o contexto era propício para tal constestamentos, tecer profundas críticas ao conservadorismo hegemônico na categoria. Como já dito, a dinâmica do contexto acabou propiciando às práticas que darão bases contestadoras a profissão.

Vale ressaltar a importância da aproximação do Serviço social com a tradição marxista através de mobilizações estudantis e da classe trabalhadora organizada, a qual se opunha a ordem e repressão da ditadura militar. O marxismo deu base para o

surgimento de críticas ao modelo conservador instituído na categoria profissional, e, desta vez, críticas direcionadas a forma de organização da sociedade burguesa, e não somente ao conservadorismo moralista da profissão.

É importante lembrar que o primeiro contato do Serviço social com a teoria marxista se deu de forma equivocada, pois, por não buscar os fundamentos da sociabilidade burguesa diretamente de Karl Marx (o que era complicado naquela época devido à escassa presença das obras de Marx no Brasil), o Serviço social utilizou o pensamento do marxista e filósofo francês Louis Althusser, o que acarretou em uma apreensão de forma distorcida os ideais marxistas<sup>6</sup>. Neste estudo o que importa evidenciar é a crítica e o afastamento do Serviço Social ao conservadorismo, a sua aproximação com o marxismo, constituindo na profissão um novo ethos profissional.

Na década de 1980 a profissão irá romper com os valores tradicionais, e o código de Ética de 1986 assumirá compromisso com a classe trabalhadora. Porém, esse compromisso pauta-se em uma questão moral, onde a visão (consequência de uma aproximação equivocada do marxismo) partia de uma análise moral das classes, tendo a classe trabalhadora como boa, e a classe dominante como ruim. Essa forma de lidar com a questão da contradição de classe é literalmente equivocada, e acaba trazendo sérios rebatimentos para a profissão (BARROCO, 2010a). Na década de 1980, no âmbito acadêmico, a categoria profissional aprofunda estudos acerca do método marxista, o que dará base posteriormente para o surgimento de uma ética crítica coerente e uma opção por um projeto Ético Político Profissional, compromissado com a emancipação humana, pautando uma sociedade livre da dominação do homem sobre o homem.

---

<sup>6</sup> Netto (1996, p. 148) ainda observa que o Serviço Social foi marcado negativamente, nesse período, por três características. A primeira foi a recusa das “importações teóricas”, como rechaço à teoria hegemônica norte-americana, tendo como consequência uma supervalorização da produção latino-americana como “adequada às condições histórico-sociais”, sendo emblemático disso a obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Um segundo fator foi um “confusionismo ideológico”, que buscou entrecruzar um marxismo dogmático, como os de Althusser, Mao e Kendorov, com o marxismo “romântico” de Camilo Torres<sup>7</sup> e Guevara, buscando, assim, uma proximidade com a esquerda cristã. O terceiro fator foi “o reducionismo do ativismo político”, que, conforme Netto (1996, p. 149), “obscureceu as fronteiras entre profissão e militância”, expressado por um ateoricismo e por um messianismo profissional. (BEZERRA, 2013, p.22, grifos da autora).

Antes de refletir sobre o Projeto que ganhará hegemonia no Serviço Social na década de 1990, é importante saber o que significa Projeto, Projetos societários e Projeto Profissional, pois apenas compreendendo os significados desses termos é que se poderá refletir sobre a importância do projeto Ético Político do Serviço social e sua ligação com a sociedade.

Entende-se por Projeto, a ação, intenção de fazer algo futuramente, ou seja, a organização de um processo que será evidenciado no futuro. Projetos Societários são projetos coletivos de proporção mais ampla que reflete uma imagem de sociedade que se quer construir, e procura meios materiais e culturais para a efetivação da mesma. Projetos Profissionais também são projetos coletivos, mas, diferentemente do primeiro, não pensam de forma macroscópica, apenas compõem a perspectiva da categoria profissional. Ou seja, requer uma “autoimagem da profissão” e desta forma definem valores que lhe legitimam socialmente e padronizam objetivos e funções na atuação dos profissionais (NETTO, 1999).

Neste sentido, o Serviço Social na década de 1990 consolida um Projeto Ético Político que reconheceu a ética no seu sentido ontológico e pensou na emancipação do indivíduo. Por outro lado, apesar dessa perspectiva crítica se tornar hegemônica no Serviço social ela não é a única na categoria, como podemos observar nesta passagem de Yazbek (s/d, p. 14):

Também no âmbito da organização e representação profissional o quadro que se observa no Serviço Social brasileiro é de maturação (NETTO, 1996, p. 108 -111). Maturação que expressa na passagem dos anos 80 para os anos 90 rupturas com o seu tradicional conservadorismo, embora como bem lembre o autor “essa ruptura não signifique que o conservadorismo (e com ele, o reacionarismo) foi superado no interior da categoria profissional” (p. 111). Pois, a herança conservadora e antimoderna, constitutiva da gênese da profissão atualiza-se e permanece presente nos tempos de hoje. Essa maturidade profissional que avança no início do novo milênio, se expressa pela democratização da convivência de diferentes posicionamentos teórico-metodológicos e ideopolíticos desde o final da década de 1980 (YAZBEK, s/d, p.14).

É importante frisar essa maturação no Serviço Social, ampliação do conhecimento acerca da atuação profissional, a qual pauta uma intervenção crítica diante das classes subalternas, criticando o conservadorismo e também o sistema capitalista. O Código de Ética Profissional (CEP) de 1993 trouxe traços do código de

1986, mas superou a equivocada visão acerca das classes. O novo CEP e a lei de Regulamentação da profissão evidenciaram o caráter ético enquanto práxis, enquanto condição humana, refletindo a liberdade do indivíduo. A categoria optou por um Projeto Ético Político de cunho questionador da ordem burguesa, que não só pensa a atuação enquanto respostas às demandas, mas também pensa na transformação do indivíduo, proporcionando nele o caráter de crítica à sociedade de opressões.

Nos Princípios Fundamentais estabelecidos no Código de ética de 1993 fica evidente a opção da profissão por uma sociedade justa e igualitária; o reconhecimento da liberdade como valor ético central; os direitos humanos, a ampliação e consolidação da cidadania; o aprofundamento da democracia; o posicionamento a favor da equidade e justiça social; etc. (CFESS, 1993).

Fica claro o posicionamento a favor de uma nova organização da sociedade. Porém, é preciso estar ciente do contexto que está inserido e as especificidades do mesmo. Pois, o Projeto Profissional do Serviço Social é divergente do Projeto Societário hegemônico, o que acaba rebatendo diretamente na atuação profissional.

Apesar de todos esses aparatos legais, fruto de conquistas, torna-se um desafio diário a garantia de acesso e ampliação dos direitos, pois o contexto atual é marcado pela ampliação do ideário neoliberal, que no Brasil, apesar de toda organização da sociedade para construir uma constituição cidadã na década de 1980, os governos que vieram na década de 1990 até os dias atuais deram abertura ao projeto neoliberal que reduz a ação social do Estado. Os desafios são impostos para o Estado, toda a sociedade e para o Serviço Social que atua nas expressões da “questão social” que se renovam e inovam diante do movimento do capital, e que diante desse contexto ainda são trabalhadores, ou seja, vendem sua força de trabalho enquanto trabalhadores liberais, e ainda não detêm dos meios necessários para realização de sua atividade.

Além dos Princípios Fundamentais, os profissionais do Serviço social vêm pensando e repensando sua atuação e formação dentro da perspectiva crítico marxista, realizando pesquisas para se especializar e conhecer a realidade, no intuito de manter as respostas que são dadas as demandas articuladas com Projeto Hegemônico na profissão.

Torna-se desafiador para o Assistente Social dar respostas qualificadas às problemáticas construídas na realidade da sociedade burguesa, ainda mais na sociedade brasileira onde o direito sempre foi tratado como benesse, como caridade. Mesmo com a Constituição Federal de 1988, o que se viu no dia a dia dos trabalhadores foi totalmente

diferente do que se garante em lei. É uma luta diária dos profissionais para tentar conseguir o mínimo para os seus usuários. Além disso, o cotidiano é dinâmico, as problemáticas se apresentam de forma imediata e o profissional precisa agir imediatamente e muitas vezes se deparam com situações complexas de serem resolvidas (YAZBEK, s/d). Conforme Prates (2007, p. 2),

as chamadas áreas humano-sociais (em especial, o Serviço Social), por seu caráter interventivo, são hoje, cada vez mais, desafiadas a construir ou utilizar cadeias de mediações alternativas que possam dar conta da complexidade dos fenômenos sociais. Velhas e novas demandas tencionam nosso cotidiano de trabalho, exigindo uma capacidade estratégica que possibilite não só o seu desvendamento, como também uma intervenção efetiva que contribua com o desenvolvimento de processos sociais emancipatórios [...].

Por isso, é preciso conhecer a realidade, pensar estratégias de atuação, e proporcionar aos usuários o reconhecimento enquanto sujeitos inseridos em um cotidiano permeado de complexidades. É preciso empoderar esses indivíduos de conhecimentos, informando seus deveres e direitos. Nesse sentido, Costa (2013, p. 11) afirma que,

o Serviço Social é uma profissão que tem a possibilidade de intervir na vida dos sujeitos em dimensões que vão para além do atendimento as necessidades básicas, mas que, por meio da garantia de acesso a direitos sociais, permite várias vias de ações com impactos de magnitudes pessoal, social, política, e ideológica na história de vida desses sujeitos.

Sabemos que o cotidiano é dinâmico e que muitas problemáticas se apresentam para o profissional de forma rápida, precisando naquele momento de uma resposta qualificada para atender a necessidade do usuário que está ali requisitando atendimento. É por isso que precisamos estar atentos e, principalmente, conter uma atuação articulada no referencial teórico-metodológico, ético-político, para auxiliar no técnico-operativo, e não reproduzir a frase clichê de que a prática é diferente da teoria. Ao contrário, a teoria nos fornece as informações necessárias, bem como a visão importante de perceber que aquele fenômeno não se deu por acaso, que aquela problemática parte de um contexto de uma realidade produzida pelo homem. É preciso ter ética para fazer escolhas necessárias e importantes, não somente por causa da atuação profissional, mas também para o usuário. Por isso, são necessárias análises de conjuntura, e uma atuação crítica

criativa, buscando instrumentos e meios que possam proporcionar uma resposta satisfatória ao usuário, e, além disso, proporcionar a percepção crítica desse sujeito, instiga-los a agir e pensar enquanto classe trabalhadora (COSTA, 2013).

E nesse processo que a Arte, na atuação profissional, pode proporcionar respostas críticas e criativas que estimulem o próprio indivíduo a pensar criticamente a realidade e a procurar sua emancipação. Pois, “ao longo da história, a Arte tem instigado emoções, provocando as reações mais diversas possíveis. Por meio dela, tem sido possível experimentar sensações e expressar questões de grande relevância para o ser humano em seu formato singular e universal” (COSTA, 2013, p. 11).

A função emancipadora da Arte se relaciona perfeitamente com o Projeto Ético Político do Serviço social, pois ambos podem proporcionar a reflexão crítica dos indivíduos. A arte com seu caráter crítico de refletir a realidade proporciona ao indivíduo um momento de suspensão do cotidiano, para que o mesmo possa refletir sobre ele, possa trazer suas sensações, emoções e assim propor ações críticas, e resgata o caráter humano da arte.

Neste sentido a arte pode trazer respostas satisfatórias tanto para a atuação do assistente social, como aponta Costa (2013, p. 35):

A mediação pela arte pode ser significativa tanto para o profissional que busca fundamentar suas ações, quanto para o usuário que vai vivenciá-la. A expressão artística contém em si o caráter universal, e através dessa relação pode ser possível chegar a particularidade. (COSTA, 2013, p. 35).

A práxis artística possibilita ao indivíduo o retorno a sua humanidade, a se reconhecer enquanto sujeito social. O homem que pensa teleologicamente a realidade e cria no plano ideal o processo para que os objetos sejam transformados e assim objetivam. Através desse potencial podemos perceber a possível articulação entre a práxis artística, o Projeto Ético Político do Serviço social e o Projeto Societário baseado na transformação da sociedade com fins a erradicação da divisão de classe. Por isso, é pertinente promover debates, estudos e reflexões com intuito de compreender como a arte tem contribuído para essa articulação, fazendo o próprio profissional utilizar de novas estratégias para uma atuação mais efetiva em relação à emancipação da classe trabalhadora.

Torna-se importante também refletir que “[...] se reconhecemos que o contexto atual exige o trabalho interdisciplinar e o uso de estratégias alternativas e criativas, lembremos que criatividade é um dos critérios de cientificidade [...]” (PRATES, 2007, p. 3).

Assim, pensar Arte e Serviço Social com o objetivo de fortalecer o processo de construção da autonomia pode viabilizar o estabelecimento de mediações que proporcionem a ultrapassagem do cotidiano, permitindo que o indivíduo se reconheça como sujeito coletivo. (NARCIZO, 2012).

É importante promover a seguinte reflexão quando se fala em articular arte no trabalho do assistente social: não estamos afirmando que o profissional tenha que realizar oficinas artísticas na sua atuação, mas apenas que o mesmo possa compreender a importância, o potencial da arte e tentá-la, através de profissionais que atuam diretamente nessa área, promover a viabilização do trabalho dela enquanto práxis, proporcionando discussões, atividades, e análises que possibilitem o despertar da consciência do trabalhador (a) que devido o processo de desenvolvimento do capitalismo está preso em uma realidade alienante, impossibilitando-o enxergar o fenômeno na sua essencial.

O profissional de Serviço Social possui essa habilidade, conquistada durante décadas em uma trajetória de luta e resistência, pautada em um referencial marxista que proporciona a visualização da realidade de forma totalitária, podendo assim compreendê-la completamente, chegando à essência dos fenômenos.

Considerando esses aspectos, o estudo tem como objetivo compreender qual o significado da Arte no trabalho com os idosos, compreendendo se da forma que é trabalhada no Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade (NUPATI), instituição onde coletamos dados para a análise da pesquisa, tem contribuído para o Projeto Ético Político e proporcionado à mudança na percepção da realidade dos idosos.

Após todo o caminho traçado nesse capítulo, é possível perceber que se o profissional de Serviço Social articula arte em sua atuação, poderá proporcionar reflexões aos usuários, fazendo com que os mesmos se reconheçam enquanto ser humano genérico, que cria e que possa criticar a cotidianidade que a sociedade burguesa

lhe impõe a viver. Dessa forma, é perceptível que a arte contribui para reafirmação do Projeto Ético Político do Serviço social.

O próximo capítulo buscará falar sobre o processo de envelhecimento humano, e o porquê desse fenômeno ter provocado discussões não só para o Serviço Social, mas também para outras áreas. Após esse debate, buscaremos analisar os dados coletados, sendo eles: Relatórios das atividades artísticas, desenvolvidas no Núcleo de Ações e Pesquisa da Terceira Idade, e entrevistas com alguns alunos que fizeram parte de algumas dessas oficinas dentro do período de 2014 a 2016. Com isso, promoveremos reflexões acerca da importância de trabalhar a arte com a população idosa.

## CAPÍTULO 3

### PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO, VELHICE E SERVIÇO SOCIAL.

Torna-se pertinente refletir sobre o processo de Envelhecimento Humano, a Velhice e a atuação do assistente social com esse segmento da sociedade, para termos melhores compreensões desse fenômeno apresentaremos elucidações das discussões promovidas pelo Serviço Social brasileiro, no intuito de compreendermos as problemáticas que permeiam esse processo.

Daremos início com ponderações, apontando o significado dos termos: velho, idoso, Terceira Idade, Velhice e Envelhecimento, pois eles são carregados de significados ideológicos, construídos historicamente. Para isso, faremos algumas sínteses das explicações trazidas por Rezende (2008).

O termo velho ou velhote surgiu na França no século XVIII para se referir aqueles idosos que não possuíam status social elevado, já os que possuíam eram tratados como idosos. Dessa forma, a diferença entre velho e idoso se encontrava nas condições sociais que o indivíduo apresentava diante da sociedade. No entanto, o termo velho (*vieux*) esteve interligado a decadência, a não produtividade. No século XX, essa perspectiva tem uma mudança, pois era preciso de um termo para se referir ao indivíduo na fase da aposentadoria, por meio da política social. Dessa forma, esses indivíduos passariam a ser tratados também como idosos. Na década de 1960, na França principalmente, todos passariam serem tratados por tal termo.

#### O termo terceira Idade

[...] é uma expressão que recentemente, popularizou-se com muita rapidez no vocabulário brasileiro. Alguns autores acreditam que mais do que referência a uma idade cronológica é uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, que ainda não adquiriu conotação depreciativa, entretanto entendemos que ela é simplesmente um decalque do vocábulo francês que foi adotado após a implantação das políticas sociais para a velhice na França (REZENDE, 2008, p. 25).

Na década de 1960, o Brasil se referia com o termo velho, porém não era tido como um termo pejorativo carregado de preconceitos como era na França. O nosso país passou a utilizar a palavra idosa a partir da forma que era tratado na França. (REZENDE, 2008).

No aspecto legal o termo idoso envolve três perspectivas: *cronológica* – define como idoso o indivíduo que tem mais idade do que um certo limite previamente estabelecido, ou seja, é objetivo; *psicobiológica* – há uma avaliação individualizada do indivíduo, uma vez que não é importante a sua faixa etária, mas sim suas condições físicas e psíquicas, já estas são subjetivas e por fim a *econômica-social* – que prima por uma visão abrangente do patamar social da pessoa (REZENDE, 2008, p. 26, grifos da autora).

Nesse estudo, usaremos o termo idoso, apesar de a palavra possuir um significado histórico permeado por contradições, consideramos que não carrega os mesmos preconceitos que o termo velho. Trataremos velhice como fase da vida, considerando que o meio sociocultural traz influências sobre a mesma. E, Envelhecimento humano como processo natural a qual qualquer ser vivo passará.

É preciso fazer um resgate sobre o processo histórico acerca do envelhecimento humano para apreender como eram tratados os idosos no decorrer do desenvolvimento da humanidade, para não cair na ilusão de que todas as sociedades/comunidades trataram de forma igualitária os indivíduos que chegavam à fase de maturidade na vida.

Conforme Rezende (2008, p. 22),

[...] pudemos inferir que nas sociedades primitivas a noção de velhice era relativa e imprecisa, uma vez que existiam variações em função de momentos e realidades históricas de cada sociedade, bem como das diferentes situações sociais que cada uma apresentava: um indivíduo podia ser considerado idoso aos 30, 40 ou 60 anos de idade, dependendo da sociedade em que vivia, demonstrando assim, o significado social da velhice, e que é improcedente a ideia romântica de que num passado impreciso todos os idosos eram respeitados por sua sabedoria. Isso foi verdade em apenas algumas sociedades. Em muitas delas eles desfrutaram de prestígio e conforto, enquanto que em outras levaram uma vida miserável. Contudo, fica claro que seu destino sempre foi decidido pela coletividade, conforme os interesses desta. (REZENDE, 2008, p. 22)

Durante o desenvolvimento da sociedade, os mais velhos tiveram várias formas de serem tratados em diferentes comunidades, considerando a cultura da mesma. É importante destacar isso para termos clareza de que a cultura sobre a velhice não se deu de forma homogênea em todas as sociedades, ou seja, cada povo tinha a sua forma específica de tratar essa fase da vida.

Em cada sociedade o destino dos mais velhos seria decidido pelos interesses hegemônicos de sua comunidade, sendo que eles acabavam sendo tratados com

respeitos em uns ambientes, por serem considerados os sábios, e, em outros, desprezados e/ou abandonados. Ao longo da história essa característica veio acompanhando a trajetória dos indivíduos, ou seja, o interesse do coletivo influenciava diretamente na velhice do ser humano. (REZENDE, 2008).

O indivíduo ao envelhecer recebe influências do meio em que convive, a cultura do seu povo, os interesses da coletividade, tudo isso reflete no como o ser vivenciará o processo de envelhecimento humano. Por isso, é um processo individual, único.

Envelhecer é um processo natural que acompanha todos os seres vivos, pois nascemos, crescemos, em determinados momentos reproduzimos, e também envelhecemos. Porém, para o ser social esse processo se dá de forma única e individual, uma vez que, cada ser social levará seu tempo específico para chegar à maturidade, e não só o organismo envelhecerá, o processo de envelhecimento humano perpassa outros campos subjetivos da vida.

Torna-se importante perceber como a sociedade burguesa – a qual estamos inseridos - trata a velhice e quais as consequências dessa cultura para os idosos.

Com o advento do capitalismo, na Inglaterra no século XIX, com a Revolução Industrial, teve início a distinção entre indivíduos produtores ou consumidores, ativos ou inativos, fomentando o processo de desigualdade, do ponto de vista econômico. Dessa maneira, a situação dos Idosos tornou-se ainda mais difícil, assemelhando-se, muitas vezes, ao destino dividido por um grande número de idosos nas sociedades primitivas, que foram abandonados, negligenciados e até mesmo assassinados clandestinamente. (REZENDE, 2008, 23).

O Capitalismo desenvolveu uma cultura para a sociedade e dentro dessa, que terá como foco unicamente a ampliação do lucro, da apropriação particular da riqueza, aprofunda-se, por exemplo, a cultura do “belo”, do “forte”, um padrão estético de beleza que consequentemente exclui aqueles que não se enquadram nesses critérios. Dessa forma, a população idosa estaria excluída, pois não atenderia os padrões solicitados e intensificados na sociedade burguesa.

Nesse sistema desigual e excludente, o que é valorizado é o indivíduo que produz, não o sujeito, mas a sua capacidade de produzir, a sua força de trabalho. O contexto de valorização dessa cultura padronizada tem como intuito apenas estimular e evidenciar a força de trabalho. Como dito, não existe capitalismo sem acumulação

privada da riqueza, e não existe riqueza se não houver trabalho vivo para produzir valores de troca.

Esse contexto traria serias consequências psicológicas, econômicas, políticas e culturais para aqueles indivíduos, que com idade acima de 60 anos, seriam considerados incapaz e improdutivo. Por conta destas e várias outras questões, percebemos que um envelhecimento com qualidade é composto por vários desafios.

Grande parte deste desafio está na visão da sociedade ocidental no imaginário social, onde o culto à juventude, à beleza, à força de produzir, ao ter e ao poder, encara o envelhecer com preconceito e discriminação. Mesmo com o reconhecimento de que a velhice é uma das fases da vida, o imaginário social, marcado pelos estigmas da velhice é construído por aspectos negativistas relacionados à incapacidade, à feiura, à precariedade, à fonte de despesas, à inatividade, à enfermidade e à proximidade da morte. [...] (SILVA, N; VERGARA; SILVA, R., 2015, p. 21-22).

Essa discussão se torna pertinente e atual. A partir dos últimos anos do século XX, estudiosos têm se preocupado com o fenômeno do envelhecimento humano: “Embora considerado, por muitos como a conquista do século e grande conquista da humanidade, o envelhecimento populacional também apresenta um grande desafio para o Estado, família, sociedade e a própria pessoa idosa” (SILVA, N; VERGARA; SILVA, R., 2015, p. 21).

Os estudos têm apontado que o mundo está envelhecendo, como dito anteriormente, isso pode ser considerado uma grande conquista para humanidade, mas é preciso questionar em quais condições sociopolítico e econômica esse processo está acontecendo. Para Rezende (2008, p. 130),

Em demografia entende-se por envelhecimento populacional o processo de crescimento da população considerada idosa em uma dimensão tal que, de forma sustentada, amplia-se a sua participação relativa no total da população. Um dos indicadores que melhor avaliam o envelhecimento demográfico é a razão entre a população idosa e a população jovem, ou seja, a proporção de pessoas de 60 anos ou mais por 100 pessoas de 0 a 14 anos. (REZENDE, 2008, p. 130).

O processo de envelhecimento é uma preocupação para vários países. Rezende (2008, p. 14) traz alguns dados para elucidar esse cenário:

O envelhecimento populacional dos países desenvolvidos foi um processo que se deu de forma gradual, acompanhado do progresso

econômico e a conseqüente melhoria das condições de vida da população. Por exemplo, na França foram necessários 115 anos, de 1865 a 1980, para que a proporção de idosos passasse de 7% do total da população para 17%. O Brasil, por exemplo, levará 20 (de 1996 a 2016) para passar de 7% para 14%. (REZENDE, 2008, p.14)

Na atualidade, o Brasil é o país que mais cresce o número de idosos na sociedade. O quadro abaixo demonstra esse considerável crescimento da população idosa na sociedade brasileira,

Quadro 1 - Expectativa de vida da população Idosa

Ano	Idade
1900	33,7
1950	43,2
1960	55,9
1980	63,5
2000	68,5
2025	72*

\*Expectativa de vida estipulada pelo IBGE, 2003.

Fonte: IBGE, 2003

O quadro nos revela que nos anos de 1900 a expectativa de vida na sociedade era de 33,7 anos de Idade. Após 50 anos, esta estimativa aumentou para 43, 2 anos de idade. E, assim, vai avançando progressivamente no decorrer dos anos. São interessantes os saltos que são dados em relação à expectativa de vida. Pesquisadores demonstram que a estimativa proposta em 2003 para 2025, que seria de 72 anos de idade, já foi alcançada.

O quadro abaixo demonstra a esperança de vida ao nascer da população brasileira durante a trajetória dos anos 2000 a 2015.

Quadro 2- Esperança de vida ao nascer (em anos) – Brasil – 2000 a 2015

2000	69,83
2001	70,28
2002	70,73
2003	71,16
2004	71,58
2005	71,99
2006	72,39

2007	72,77
2008	73,15
2009	73,51
2010	73,86
2011	74,20
2012	74,52
2013	74,84
2014	75,14
2015	75,44

Fonte: IBGE Projeção da população do Brasil – 2013.

Ao observar os quadros 1 e 2 podemos perceber mudanças, pois o que estava previsto para acontecer em 2025 em termos de expectativa de vida da população (Na pesquisa de 2003) foi alcançado em 2006, ou seja, a população brasileira cresce a expectativa em níveis elevados e em curto espaço de tempo.

É preciso saber que o processo de envelhecimento humano leva a necessidade de compreender toda uma totalidade que permeia esse fenômeno. Não só a biologia e a medicina podem trazer explicações, mas também as áreas sociais, psicológicas, econômicas podem contribuir para ampla apreensão do que vem a ser esse processo para cada indivíduo, isso no sentido de abarcar toda a complexidade que estar por traz da aparência do fenômeno, por isso surgiu à gerontologia<sup>7</sup> com intuito de promover uma interdisciplinaridade entre as profissões para entender o envelhecimento. Esse ramo de estudos surge após o grande crescimento da população de idosos no planeta, e é preciso pesquisar as especificidades dos países que vivenciam essa ampliação da população idosa.

É preciso considerar diversos fatores como econômico, político, social e cultural que influenciam diretamente no processo de envelhecimento do sujeito. Portanto, é pertinente compreender que a sociedade brasileira possui uma peculiaridade em relação aos direitos sociais da classe trabalhadora. Consideramos que os rebatimentos negativos refletem mais nos trabalhadores, visto que esses são desprovidos

---

<sup>7</sup> Gerontologia é um ramo de estudos que visa abarcar não só o biológico no processo de envelhecimento humano, mas também o fisiológico, o econômico, psicológico e o social. E, em abordagens interdisciplinares, procuram ampliar estudos, no intuito de tornar ainda mais atual o debate acerca do envelhecimento humano.

de meios para subsistência, vendendo durante muito tempo sua força de trabalho. E, na sociedade brasileira, grande parcela da população foi excluída dos meios que produziam (sabemos que isso é uma característica do capitalismo), mas para o povo brasileiro esse processo se deu ao “pé da letra”. Enquanto em países da Europa o envelhecimento acompanhava gradativamente a economia, nos países em desenvolvimento, os crescimentos ainda mais acelerados eram dissociados de outras partes (economia, política, social, saúde, cultural) que poderiam lhe proporcionar um envelhecimento com qualidade de vida. Enquanto a Europa e a América do Norte, a sua maneira, vivenciaram os “anos dourados”, no Brasil houve o crescimento econômico neste período, mas não foram repartidos com os trabalhadores, pelo contrário, cada direito social por mínimo que fosse, era fornecido como ação benéfica do Estado, e restrito, conforme apontam textos de Behring e Boschetti (2008) e Leão (2012).

Como já pontuado, os direitos sociais na sociedade brasileira, antes da constituição de 1988, foram considerados como benesse e filantropia, como algo dado e não como direito. A exclusão dos idosos ocorre de forma mais aprofundada, uma vez que a problemática que atinge os mesmos não é só econômica, mas psicologicamente, gerando várias violências e até mesmo suicídios. Famílias que tiram proveitos da aposentadoria dos idosos, que usufruem da mesma e não cumprem com as necessidades mais básicas desses indivíduos. E, aqui, não queremos culpabilizar somente essas famílias, mas refletir e problematizar também a sociedade burguesa excludente, consumista, e o Estado que a cada momento histórico – apesar de todo ganho durante a redemocratização do país – fica cada vez mais distante de suas responsabilidades sociais. (REZENDE, 2008; LEÃO, 2012).

Por isso enfatizamos que é preciso uma velhice com qualidade de vida, e essa se deve concretizar de forma ampla, abarcando não só a economia, mas o social, o psicológico e o cultural.

Esse avanço na expectativa de vida precisa de maiores atenções do Estado e da sociedade, pois “deve-se considerar, ainda, que, mais do que evitar ou atrasar doenças, é necessário um envelhecimento com qualidade de vida”. (SILVA, N; VERGARA; SILVA, R., 2015). No entanto,

[...] subtende-se que qualidade de vida é uma categoria de mediação do bem-estar individual e social. Na questão da análise das políticas públicas destinadas a concretizar os direitos da velhice e do processo do envelhecimento humano, cuja a população alvo experimenta

realidades históricas, biológicas e psicossociais complexas e heterogenias, a qualidade de vida implica considerar o atendimento das necessidades materiais e imateriais da pessoa idosa (PESSOA, 2009, p. 47).

Contudo, é importante “[...] e urgente um real desenvolvimento socioeconômico para garantia da satisfação das necessidades desse público [...]” (SILVA, N; VERGARA; SILVA, R., 2015) visto que a maioria é da classe trabalhadora, sobrevivendo com um ou até três salários mínimos, e ainda encaram o desafio de serem chefes de família. (SILVA, 2015).

Estudos de 2007 realizados pelo ministério da Previdência e Assistência Social (apud REZENDE, 2008) apontam que a grande maioria da população idosa recebia apenas um salário mínimo, contabilizando 64,8% da população recebendo 300 reais<sup>8</sup>. Desta forma, consideramos que a grande maioria da população idosa é oriunda da classe trabalhadora, essa que não possui acesso aos bens de consumo, nem acesso políticas sociais de qualidades, pois essas se encontram precarizadas no contexto neoliberal.

As famílias precisam da atenção do Estado não através de um cunho caritativo, mas como políticas públicas que possibilitem que esses indivíduos sobrevivam sem ter que serem considerados incapazes. Além disso, seus familiares tem que dar apoio com afeto, sem precisar alimentar uma cultura violenta com os idosos.

A sociedade capitalista acaba instigando uma visão superficial do processo de envelhecimento, aprofundando a tese do idoso improdutivo, do “coitadinho”.

O idoso, além de buscar constantemente manter ativa as condições para conservar seu autocuidado, tem como cenário preocupante as contradições que o sistema capitalista impõe. Discute-se sobre direito do idoso enquanto igualdade de condições, mas a afirmação da liberdade individual e da igualdade de direitos impõe o funcionamento pleno da economia de mercado. (PESSÔA, 2010, p. 78).

Não queremos afirmar que os idosos sejam incapazes e, por isso, precisam de maiores atenção do Estado, pelo contrário, queremos refletir sobre as suas possibilidades, colocando que o processo de envelhecimento humano é individual, onde cada um passará por ele de forma única. Porém, deve-se considerar também que uma parcela da população brasileira, sendo ela a maior, a classe trabalhadora, vivencia esse

---

<sup>8</sup> Esse era o valor do salário durante a época dos estudos em 2007. Procuramos por dados mais atualizados, porém não conseguimos encontrar.

processo de forma complexa, pois estão inseridos em uma cultura excludente, opressora, e que apenas pensa em interesses particulares.

Refletindo essas e outras questões que proporcionam a problematização dos aspectos negativos ao fenômeno do envelhecimento humano. Por isso, faz-se necessária a luta pela garantia dos direitos sociais e fundamentais dos Idosos, estabelecidos na Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1993), no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) e na Constituição Federal (BRASIL, 1988). E, aqui, compreendemos a importância desses instrumentos para garantia e ampliação da participação do Idoso ativo na sociedade, mas criticamos também o fato dessas legislações serem apenas promulgadas após preocupações com o fenômeno do envelhecimento humano, principalmente na sociedade onde só pensavam nos jovens.

### **3.1 Serviço Social e Envelhecimento Humano: breves considerações.**

Como já dito, o assistente social atua com intervenções nas expressões da “questão social”, que durante o desenvolvimento do capitalismo elas se renovam e inovam. Desta forma, os profissionais são provocados a compreenderem a dinâmica da sociedade, para promoverem atuações efetivas, no sentido de mediar à relação capital versus trabalho.

As problemáticas que permeiam o processo de envelhecimento humano ganha atenção de toda a sociedade civil, e também de vários corpos profissionais, principalmente do Serviço social. A partir do momento que se elevam as demandas dos idosos a serviços de saúde, assistência social e previdência social, por exemplo, as problemáticas que permeiam o processo de Envelhecimento Humano passam a ganhar uma preocupação enquanto expressão da “questão social”. (LEÃO, 2012).

Um dos desafios que se apresenta no início do século XXI tanto à sociedade quanto a profissionais de diversas áreas, inclusive ao Serviço Social, é o envelhecimento da população, primeiro porque trata-se de um fenômeno recente no Brasil, que até pouco tempo atrás era considerado um país de jovens e, segundo, porque a cultura que permeia a sociedade capitalista desvaloriza os idosos, considerando-os como *párias da sociedade* (BEAUVOIR, 1990), improdutivos, dependentes e cuja imagem é associada à feiura, doença, decrepitude e morte. (LEÃO, 2012, p.37)

Ora, vimos que o processo de Envelhecimento Humano é particular para cada indivíduo, porém precisamos entender que são os idosos da classe trabalhadora que mais requisitam serviços das políticas sociais, pois esses, como já refletido acima, não possuem condições financeiras suficientes para acessar serviços privados. Diante desse contexto de exclusão dos idosos, de precários acessos as políticas públicas, torna-se um desafio à atuação do assistente social, considerando o viés crítico que essa profissão adota a partir da década 1990, no sentido de ampliação do acesso aos direitos sociais à classe trabalhadora.

A grande problemática que se aprofunda o processo de precarização das políticas sociais, e a pouca participação do Estado, no sentido de garantia de acesso e ampliação dos direitos sociais, dá-se na consolidação do projeto neoliberal, na reestruturação do mundo do trabalho e, conseqüentemente, de mudanças na sociedade. Mas, é preciso considerar aqui, novamente, as especificidades da sociedade brasileira que custou a reconhecer o processo de envelhecimento humano, por conta do culto ao jovem, característico da cultura burguesa, onde houve à valorização dos considerados “produtivos” para o crescimento econômico do capital.

As análises acerca das políticas sociais devem considerar o sentido contraditório que está inerente à mesma, pois apesar de serem conquistas da classe trabalhadora, oriunda de lutas, é também uma forma de esconder a relação de exploração criada na sociedade capitalista. De acordo com Leão (2012, p. 34),

a função social está relacionada à forma como as políticas sociais se apresentam e ao mesmo tempo ocultam a sua essência. Elas prestam serviços sociais e assistenciais à população (urbanização, atendimento sanitário e educação públicas, subsídios no transporte etc.) e também funcionam como um complemento salarial por meio da transferência de renda às populações carentes [...] Mas, em sua essência, esses benefícios escamoteiam as relações de dominação e exploração, à medida que são paliativos, temporários e não se comprometem com a transformação das condições de vida dos usuários, apenas legitimam o consenso dentro de uma ordem exploradora e opressora. (LEÃO, 2012, p.34)

É por meio das políticas sociais que os assistentes sociais atuam, porém é preciso compreender que a intervenção não deve pautar-se no intuito de “amenizar ou silenciar” as inquietações dos trabalhadores, ou até mesmo apenas promover somente o acesso à política. O Projeto Ético Político hegemônico, a Lei que Regulamenta a profissão (1993) e o Código de Ética (1993) trazem bases para atuação que, além de

tentar garantir o acesso aos direitos sociais, instigam os profissionais a buscarem pela autonomia dos seus usuários, no sentido de emancipação política, proporcionando que os mesmos se percebam enquanto classe trabalhadora e lutem por uma cidadania plena.

É por essas razões que os profissionais do Serviço social devem sempre estar conectados com a realidade dos seus usuários, compreender o movimento da sociedade, possuir referencial teórico que lhe possibilite refletir a chegar à essência dos fenômenos, para não dar respostas ineficientes aos seus usuários. Já discutimos que para além de responder as necessidades dos indivíduos que buscam os atendimentos, é preciso que os profissionais possuam habilidades criativas, para que juntos com os usuários possam analisar a sociedade e assim poder criticá-la. Sabemos que muitas vezes, o profissional por estar inserido em um espaço de trabalho e os recursos não serem de propriedade dos assistentes sociais, mas sim de seus empregadores, é possível presenciar nos espaços sócio ocupacionais a problemática de falta de recursos, bem como encontrar barreiras para sua atuação crítica propositiva. (YAZBEK, s/d)

Na sua atuação com idosos é preciso apreender também a especificidade desse público, reconhecer que eles estão inseridos em uma sociedade que além de excluir, cria uma cultura que afeta não só objetivamente através, por exemplo, com a falta de recursos e serviços sociais, mas também subjetivamente, pois reproduzem que ao chegar aos 60 anos esses idosos chegam a uma fase da vida que estão esperando apenas a morte, tiram o poder de decidir e participar diretamente das transformações da sociedade. (SILVA, N; VERGARA; SILVA, R., 2015).

Aqui somos completamente contrários à ideia de que o idoso permaneça no mercado de trabalho, gerando lucros para a classe dominante, quando pontuamos que essa população deve continuar ativa na sociedade. Queremos afirmar que essa decisão deve partir do idoso, que ele possa escolher o meio mais viável de viver a velhice de forma tranquila e, até mesmo, realizando sonhos. Que ele possa usufruir da liberdade de viver o que sonhou e contribuir para o desenvolvimento da sociedade a sua maneira. É importante salientar também que, por mais que estejam acima de 60 anos, isso não significa que esse idoso, precisamente esse trabalhador, não possa desenvolver a consciência crítica para resistir aos ataques do capital. Se almejarmos uma sociedade livre de exploração, que busquemos estratégias de resgatar na humanidade a consciência crítico reflexivo, o humano, de todo o ser social.

### **3.2 O Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade como Meio de Garantir o Acesso à Educação na Terceira Idade.**

Apesar de a sociedade brasileira preocupar-se tardiamente com o idoso, somente nas décadas de 1990 e nos anos 2000 é que surgem a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1993) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), sendo legislações que viabiliza a garantia do acesso aos direitos. É com base nessas legislações que nascem nas Universidades programas e projetos com intuito de trabalhar a educação com a população Idosa.

As Universidades, instituições, Ong's e movimentos sociais buscam ampliação e consolidação de projetos tendo como base legal as leis, emendas e legislações criadas para os idosos que visam proporcionar acessos à Saúde, à Habitação, ao Lazer e à Educação, promovendo uma ampla participação desse segmento em políticas sociais.

Considerando as legislações, procuraremos evidenciar artigos que tratam sobre educação e cultura, pois é dentro dessas políticas que encontraremos elementos e categorias de análise para nosso estudo. Em seguida, faremos uma breve apresentação histórica da criação e consolidação do Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade (NUPATI), instituição que colhemos informações acerca de projetos artísticos desenvolvidos com a população idosa usuária dos seus serviços.

Na Constituição Federal de 1988, no tocante a Educação, o Capítulo V dos direitos a Educação, Cultura, Esporte e Lazer apresenta o seguinte artigo.

Art. 20 - O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. (BRASIL, 1988).

Dessa forma, percebemos nesse artigo 20 que a educação é um dos meios que podem servir de grande instrumento de cunho emancipador do indivíduo, principalmente, através do acesso a cultura.

Tomando como base essa perspectiva da educação para a pessoa idosa, surgiram nas Universidades brasileiras projetos que inserem as pessoas idosas no cotidiano acadêmico, no intuito de promover a intergeracionalidade (o diálogo de gerações).

O Brasil possui aproximadamente 30 Universidades que desenvolvem ações voltadas para a população idosa, a maioria com o projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, onde desenvolvem diversas atividades. Através da gerontologia promove pesquisas e ações que proporcionem melhores reflexões acerca da realidade dos idosos.

Na Universidade Federal de Sergipe (UFS) nasce em 1995 um projeto de extensão com a população idosa da comunidade do Rosa Elze (São Cristóvão/SE), que trabalhou a alfabetização desses indivíduos. Adiante esse projeto daria espaço para o Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade (NUPATI) que tem como missão “incluir pessoas da terceira idade nas atividades acadêmica da UFS, favorecendo o desenvolvimento de habilidades científicas, culturais, políticas e afetivas, valorizando-os como cidadãos atuantes e participativos na sociedade” (UFS, s/d). O NUPATI se institucionaliza em 1998 e tem como coordenadora atual uma profissional do Serviço Social, que apesar de estar na coordenação, atua como assistente social, no sentido de promover o acesso dos idosos ao direito à política de educação.

Esse projeto procura levar o idoso para a Universidade, proporcionando uma nova experiência ou a continuidade de um sonho iniciado há muito tempo atrás, mas que teve que ser interrompido por motivos pessoais.

O NUPATI busca oferecer para os seus matriculados outros espaços que proporcionam reflexões, na busca de garantir o que preconiza em sua missão. Dessa forma, fornece aulas de informática; rodas de conversa acerca dos direitos e desafios, entre outros temas; projetos de extensão de cunho artístico; e outros espaços que favorecem a ampliação do viés crítico dos indivíduos.

Esses são os projetos desenvolvidos atualmente no NUPATI:

Universidade Aberta à Terceira Idade - Matrícula em disciplinas dos cursos de graduação da UFS; Curso Integrado de Apoio e Prevenção à Violência contra o Idoso; Curso de Cuidadores de Idosos; Inclusão Digital – informática básica na terceira idade; Oficina de Danças Populares; Campanha Educativa: Idoso Consciente vota com sabedoria; Realização: em três oficinas, panfletagem e divulgação na mídia; Divulgando Ações: Participação de membros do NUPATI/UNATISE em eventos locais regionais e nacionais, com apresentação de trabalhos; Laboratório de aprendizagem e formação na graduação/estágio curricular – cursos de serviço social, ciências sociais, turismo, ciência da computação, história; Maturidade Solidária: Campanhas socioeducativa e oficinas em Instituições de Longa Permanência para Idosos/ ILPI, envolvendo estudantes da terceira idade, professores, estagiários do NUPATI. (NUPATI, s/d).

O projeto Universidade Aberta a Terceira Idade de Sergipe (UNATISE) tem como objetivo levar o idoso para as salas de aulas, cursando disciplinas do seu interesse. Mas, hoje esse projeto ainda é um desafio, inclusive para indivíduos que são docentes de universidade que se deparam com dificuldades e até mesmo reproduzindo

preconceito em lecionar para pessoas com idade acima de 60 (sessenta) anos, desconsiderando a possível capacidade que esse idoso tenha em aprender.

Além do preconceito dentro da Universidade partindo dos discentes e docentes, os idosos e os profissionais que atuam no NUPATI encontram desafios diários no tocante a política de educação, pois, como dito anteriormente, com o projeto neoliberal na sociedade brasileira, as políticas sociais e públicas vêm sofrendo diversos ataques. Apesar de todos os aparatos legais e conquistas, torna-se um desafio à garantia de acesso a educação pelos idosos.

Os desafios são impostos para o Estado, a sociedade, os próprios idosos e seus familiares, e para o profissional de Serviço Social que tem como uma das tarefas, enquanto assistente social, a materialização dos princípios do código de ética.

Na busca por (re) afirmarmos o Projeto Ético Político hegemônico – que levanta reflexões em prol de sociedade liberta de opressões – é preciso estar conectado com a realidade, pois se faz necessário ter respostas cotidianas críticas e criativas as demandas que lhe chegam. E também empoderar o usuário, informando ao mesmo sobre seus direitos. Apesar do contexto de retrocesso e ataques a classe trabalhadora, é preciso ter a capacidade crítica e promover respostas qualificadas as demandas que são impostas no cotidiano.

Fazendo um recorte para os projetos artísticos do NUPATI, procuraremos nesse estudo perceber como a viabilização da participação do idoso em atividades artísticas tem proporcionado uma nova visão para esses indivíduos, diferente da cultura impregnada na sociedade burguesa. E se essas atividades se aproximam de uma sensibilização crítica para esses usuários.

Atualmente o NUPATI está apenas com a oficina de danças Populares, ministrada por um discente do curso de dança. Mas, como propomos analisar as atividades desenvolvidas entre 2014 a 2016, percebemos, através dos levantamentos documentais, que houve outros projetos nesse período, como: a Oficina de Canto o Coral, a Fotografia, e também uma iniciativa de teatro. Categorizamos documentos, relatórios e listas de presenças com a pretensão de abstrair desses elementos, análises que pudessem nos proporcionar reflexões sobre o peso da arte e sua importância para o ser humano. Assim, esse será o foco do capítulo a seguir: apresentar os resultados da pesquisa, desenvolvida articulando as temáticas Arte, Serviço social, e Envelhecimento Humano.

## CAPÍTULO 4

### **SINGINIFICADO DA ARTE NO TRABALHO COM IDOSOS: análise dos dados.**

Esse estudo tem como intuito compreender o potencial da arte no trabalho com os idosos usuários do NUPATI e qual a contribuição para a afirmação do Projeto Ético Político hegemônico no Serviço Social. Para atingir tal objetivo, foram realizados levantamentos documentais no sentido de catalogar informações necessárias que nos dessem suporte para a apreensão. O estudo propôs analisar os planos de aulas e relatórios de atividades que foram desenvolvidas nos períodos de 2014 a 2016.

O NUPATI além de proporcionar ao idoso a sala de aula para cursar disciplinas de qualquer curso, também promove, concomitantemente, atividade de extensão através de eventos, estudos, roda de conversa e oficinas.

A instituição possui somente alguns projetos artísticos, por isso, propusemos um recorte temporal entre 2014 e 2016 para coletar dados. Com isso, percebemos que houve várias atividades, encontros, cursos e oficinas com arte, porém foram poucas as que tiveram documentos para serem analisadas. Além das análises, foram também realizadas entrevistas com discentes do NUPATI que tenham participado de projetos de extensão artísticos.

Sendo assim, no total de 53 alunos que participaram de atividades com oficinas artísticas, apenas duas discentes participaram de mais de uma. Desse modo, essas duas foram escolhidas para a entrevista para descobrir qual a modificação na realidade delas e quanto essa participação tenha promovido. Além disso, compreender o que elas entendem como arte, para que assim possamos realizar análises interpretativas dos documentos e compreender e reforçar a reflexão acerca do papel da arte através também do que as discentes nos apresentam.

O critério para entrevista foi coletar informações dos discentes que tivessem feito mais de 2 oficinas (conforme mencionado acima), pois possibilitaria mais informações e percepções desses projetos. Uma das entrevistadas não participou de três oficinas, mas se inscreveu para participar da oficina de teatro, porém acabou não podendo dar prosseguimento, pois coincidiria com a disciplina que ela estava cursando na UFS. Esta última entrevistada mesmo só efetivamente cursando duas oficinas de

cunho artístico, participou da entrevista por ter se inscrito na oficina de teatro, então queríamos saber da mesma os motivos da inscrição. Chamarei essas participantes de “entrevistada 1” e “entrevistada 2”, resguardando desta forma o nome das mesmas.

A “entrevistada 1” tem 73 anos e está no NUPATI desde 2003, completando desta forma 13 anos de vida acadêmica. A “entrevistada 2” tem 69 anos e está na instituição desde 2010. Desta forma, ambas têm longa trajetória na instituição e participaram de projetos para além dos analisados aqui. A entrevistada 1 participou do projeto canto coral “Vozes da Sabedoria, do curso de fotografia e das danças populares. Durante a entrevista questionamos sobre o que motivará a se inscrever e participar desses projetos, a mesma respondeu: *“Porque eu gosto, sempre eu, uma coisa que ele [marido] não me empatava, eu dançava sempre desfilei lá em Itabaianinha nas escolas de samba, mesmo casada, desfilava de baiana, eu fazia teatro lá também, mas aqui eu não fiz teatro, foi isso o que me motivou, uma coisa que é fazer o que eu gosto.”* (Entrevistada 1).

Já a entrevistada 2 participou dos projetos curso de fotografia, danças populares, e se inscreveu para participar no curso de teatro, mas não pode fazer, pois tinha aula no mesmo horário, conforme apontado acima.

O projeto Universidade Aberta à Terceira Idade de Sergipe (UNATISE) recebe discentes com 60 anos ou mais. As matrículas e rematrículas acontecem nos períodos acadêmicos<sup>9</sup> da Universidade Federal de Sergipe. Ao solicitar a participação no programa, os idosos poderão acessar disciplinas da graduação normal, porém não tem o direito ao diploma. Um dos critérios para participar do projeto é possuir o ensino médio completo. Sendo assim, o período acadêmico 2016.1 possuiu mais ou menos 107 (cento e sete) idosos inscritos, sendo 44 (quarenta e quatro) homens e 63 (sessenta e três) mulheres. Desse total, 40 (quarenta) pessoas possuem o ensino superior completo; 8 (oito) o ensino superior incompleto; 56 (cinquenta e seis) o ensino médio completo; e 3 (três) o ensino médio incompleto.

Observando esses dados, é perceptível que a maioria dos discentes possui apenas o ensino médio completo. Diversos fatores influenciam para que isso ocorra na vida das pessoas idosas, pois por vezes largaram os estudos por conta de filhos, no caso das mulheres, e até mesmo por precisar trabalhar. O que nos interessa compreender é que a

---

<sup>9</sup> Os períodos acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe seguem deliberações da gestão universitária, podendo ocorrer duas ou mais vezes ao ano

maioria é aposentada, oriundos da classe trabalhadora. Classe essa que perpassa por várias complexidades no cotidiano, e ao chegar a essa idade, e depender por vezes de políticas públicas continuam enfrentando desafios. Geralmente, como já sinalizado em outros capítulos, os idosos possuem apenas uma aposentadoria e são responsáveis pela renda maior da família, pois os filhos com termos do casamento voltam para casa, por vezes com seus netos. Essa realidade foi apresentada pelas duas entrevistadas no estudo.

Como pontuado, além do projeto Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATISE), o Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade (NUPATI) disponibiliza outras atividades de extensão. Atualmente está apenas com um projeto artístico sendo operacionalizado na instituição: Oficina de Danças populares. Mas, durante o processo de levantamentos, descobrimos que existiram na instituição outros projetos que tinham cunho artístico sendo eles projeto Canto Coral “Vozes da Sabedoria”, Oficina de Teatro e Oficina de fotografia.

Durante as entrevistas, as discentes foram sinalizando alguns pontos sobre cada atividade que participaram. A partir de agora traremos informações que esses documentos nos forneceram, e também reflexões sobre a arte e o seu potencial, intercalando com as respostas das entrevistas.

#### **4.1 Projeto Canto Coral “Vozes da Sabedoria”.**

O projeto intitulado Canto Coral “Vozes da Sabedoria” iniciou em 2008 e tinha como objetivo “levar conhecimentos aos estudantes da Terceira Idade, desenvolvendo o canto coral, a teoria musical, abrangendo melodia, ritmo, e harmonia, ditado de som, ditado rítmico.” (Plano de aulas, 2012). Em 2012, esse projeto tem uma mudança em relação ao facilitador que conduzia suas atividades, sendo substituído por outro. Os documentos não apresentam as causas para a substituição do facilitador.

Não analisamos relatórios anteriores ao período de 2014, pois não faz parte do recorte temporal do estudo. Mas, com intuito de descobrir os desdobramentos das atividades do canto coral, recorreremos aos relatórios de 2012 a 2014.

Diante desse contexto não tivemos muitas informações para alcançar o objetivo do estudo. Porém, ainda no relatório de 2014, observamos algumas informações que foram apontadas pelo facilitador em termos de problemáticas. Sendo que o mesmo apontava a assiduidade dos discentes, o que refletia negativamente no momento de

compor um repertório para apresentações. Ele também problematizou o fato do NUPATI não abrir para participações além daqueles discentes inscritos na instituição. O facilitador da oficina afirma:

Continuo afirmando assim como escreve nos relatórios anteriores, que o maior problema do Vozes da Sabedoria, consiste no fato de que muitos dos (as) componentes cursarem disciplinas na Universidade Federal de Sergipe (UFS), que às vezes são ministradas no mesmo horário do ensaio do Coral. Por causa disto, surgem alguns problemas na preparação do repertório, na assiduidade dos ensaios e na pontualidade. Alguns chegam atrasados, outros faltam muito e tudo isso dificulta na preparação ou finalização de um repertório. Apesar das dificuldades conseguimos realizar uma apresentação no seminário promovido pelo NUPATI e mesmo com um número pequeno, de cantantes o Vozes da Sabedoria fez uma boa apresentação. (Facilitador da oficina)

Sendo assim, não tivemos base para compreender a arte e o seu potencial nesse projeto, apesar da música ser uma das artes que possui um importante potencial reflexivo e emancipador.

Além disso, o estudo de Luiz, Araújo-Jorge e Matraca (2015, p. 424-425) demonstra a importância do canto coral para a saúde dos participantes e reflete a pertinência do trabalho coletivo que nessa modalidade exige-se bastante:

Por esta abordagem a prática de canto em conjunto se estabeleceu como uma atividade que auxilia os envolvidos na busca da qualidade de vida, saúde e nas relações sociais. Também concorre para a promoção da redução da violência, da tolerância e da diversidade cultural (UNESCO, 2010). Na condição de um destes outros setores que também são responsáveis pela promoção da saúde, as atividades relacionadas às Artes têm auxiliado na construção de condições de bem-estar da parcela da população que a elas tem acesso. O conceito de que Arte faz bem à Saúde está se expandindo, em propostas de Arteterapia, teatro comunitário, circo para a saúde, entre outros (COSTA et al. 2011). Isto pode ser observado em estudos diversos, como no trabalho de ALMEIDA e SILVA (2011), que utilizaram canto gregoriano para reduzir significativamente a ansiedade de mães com crianças hospitalizadas, ou no caso de projetos especificamente de musicoterapia que trabalham com as questões de recuperação social dos indivíduos. Este é o caso de COSTA e colaboradores que empregam a música para auxiliar no contexto das medidas socioeducativas de internos em unidades de recuperação (COSTA et al., 2011). Tais exemplos nos permitem afirmar que as relações do envolvimento entre a Arte e a Saúde estão sendo foco de pesquisas que reforçam a ideia de melhora na qualidade de vida através de ações conjuntas.

Apontamos essa passagem do texto de Luiz, Araújo-Jorge e Matraca (2015) como pertinente para refletir sobre a importância do canto coral desenvolvido com os idosos, pois durante esta fase da vida são aparentes os problemas de saúde que atingem essa população, uns mais outros menos. “Do ponto de vista biológico, os autores (NETTO; PONTE, 2005) pontuam que o ritmo de declínio das funções orgânicas varia entre idosos da mesma idade, o que justifica a assertiva de que o envelhecimento produz efeitos diferentes para cada pessoa” (LEÃO, 2012, p.55).

Como sinalizado os idosos ficam mais suscetíveis a desenvolverem doenças crônicas, e até mesmo psicológicas, pois não podemos desconsiderar o reatamento da questão cultural da sociedade capitalista para esses idosos.

Para Netto e Ponte (2005), o declínio da capacidade funcional que ocorre durante o processo de envelhecimento humano associado com o aparecimento/agravamento de doenças crônico-degenerativas – como hipertensão arterial, diabetes, osteoporose, perda gradativa da vista e da audição –, pode comprometer a habilidade de manutenção da independência. Por isso, as pessoas idosas são mais dependentes que os jovens [...] Mas, ainda que a maioria dos idosos seja portador de doenças, é possível *sentir-se saudável, ativo em seu meio e ter boa qualidade de vida* (p. 08). Qualidade de vida, portanto, está intrinsecamente associada à autonomia e independência, que passam a serem indicadores de saúde para a população idosa. (LEÃO, 2012, p. 55-56).

Refletindo desta forma, torna-se pertinente concluir a importância do estímulo aos idosos praticarem tanto atividades físicas, como também participarem de atividades que possam lhes proporcionar autonomia, neste caso a arte tem grandes potenciais para tal perspectiva, e o canto coral possui segundo Luiz, Araújo-Jorge e Matraca (2015). Além disso, é importante salientar que arte possibilita a emancipação e independência dos indivíduos, por ser objetivação humana, por instigar nesse ser humano a capacidade de criar. Esse é um fator importante para a população idosa, que dentro do contexto burguês recebe constantemente o rótulo de incapaz.

#### **4.2 Oficina de Fotografia.**

A oficina de fotografia aconteceu no período em 2016.1 com duração de três dias, e teve como instrutor o professor Antônio Jorge Nascimento dos

Santos/Universidade Federal da Bahia (UFBA). O curso aconteceu na Universidade Federal de Sergipe (UFS), tendo como objetivo

Capacitar a pessoa idosa da Universidade Federal de Sergipe (UFS) para a utilização integral da câmara fotográfica, potencializando conhecimento, habilidade, autonomia no processo de produção e socialização de fotografias; construir espaço de interação para favorecer o empoderamento e elevação da autoestima. (Plano de curso, 2016).

O curso teve como público alvo os discentes matriculados no Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade (NUPATI), sendo promovido por essa instituição. Essa atividade foi aberta ao público e de caráter contributivo, ou seja, foi preciso o pagamento de uma taxa para a participação. Tal contribuição auxiliaria na vinda do facilitador da Bahia, segundo as justificativas.

Segundo o relatório a aulas aconteceram mais o menos da seguinte forma

O curso começou com a entrega de matérias do curso para os alunos presente, foram colocado cartazes nas paredes com pensamentos sobre fotografia e com isso iniciou uma dinâmica de apresentação, onde cada um tinha que se apresentar e escolher um cartaz e comentar o porquê o escolheu, logo em seguida foi apresentado Power point contando a história da fotografia na qual contava passo a passo o funcionamento da câmera e apresentando alguns modelos de câmeras analógicas e digitais e alguns itens que são fundamentais dentro de uma máquina fotográfica, ensinando como fotografar pessoas, mostrando técnicas como o retrato formal e informal entre outros, apresentando qual plano se deve usar em determinada ocasião como o plano americano que enquadra a pessoa cabeça até o joelho, informou como um fotógrafo deve se comportar em determinado ambiente [...] Falou sobre a luz e suas características, no qual foi informado que devemos tomar cuidado com o excesso de luz ou falta dela, e com a falta de luz ensinou como e quando usar o flash para ajudar a tirar uma excelente fotografia, qual a importância de um bom enquadramento e como é composta uma fotografia. Houve a um passeio pelo campus da UFS onde cada aluno com sua câmera fotográfica tiraram diversas fotos fotografando e exercitando o que tinham aprendido na parte teórica [...] (Relatório, 2016).

Nesse momento podemos nos indagar se a fotografia pode ser entendida como uma manifestação artística, visto que o estudo visa analisar o potencial da arte no trabalho com os idosos.

Segundo Souza (2010) essa discussão acerca da fotografia e arte dura a mais de 150 anos, desde o surgimento da fotografia no século XIX, sendo que algumas correntes

defendem que a fotografia é tida apenas como documentação, mera imitação do real. Outras correntes afirmam que o real não se reduz a uma imagem, ele tem outras nuances que não são vistas na fotografia, mas a partir dela pode ser descortinada. Souza (2010) e Costa (2008) apresentam em seus estudos todo o debate que aconteceu no Brasil e fora dele, no intuito de perceber se fotografia é ou não arte ou se a arte é ou não fotográfica. Recorrendo a história para nos mostrar como as fotografias começaram a fazer parte das exposições no Museu de Arte Contemporânea no Brasil. Não cabe aqui nesse estudo resgatar esse debate, apenas sinalizar sua existência.

Aqui queremos refletir o potencial da fotografia e o do fotógrafo no cotidiano, uma vez que, através da fotografia conseguimos capturar os acontecimentos da realidade, expressões emocionais das pessoas, momentos críticos que nos proporcionarão reflexões, como tragédia, e até mesmo denúncias de violações de direitos. Neste sentido, a fotografia proporciona para o fotógrafo a suspensão do cotidiano, para que o mesmo perceba ao seu redor os acontecimentos. Nesse sentido, Narcizo (2012, p. 8-9) afirma que,

a liberdade de consumir uma pluralidade de imagens e de bens é equiparada a liberdade em si. No entanto, a fotografia, a produção de imagem pode num fluxo contrário a este panorama, tornar a pessoa uma observadora ativa, aumentando sua percepção sobre a realidade se a ponte entre o conteúdo da foto e a vida cotidiana for levantada. A fotografia pode ser uma expressão capaz de amparar ideias sobre as manifestações da questão social. Para o homem comum, analisar os dados que a vida coloca permanentemente diante dos olhos através de fotos, facilita para este tomar sua posição. A fotografia pode redimensionar o olhar sobre a realidade, denunciar a opressão e dar visibilidade aos movimentos sociais de forma crítica.

Desta forma, destaco a importância da fotografia no cotidiano dos idosos, pois além de se adaptarem as tecnologias aprendendo como utiliza-las, o curso propôs dentro dos seus três dias de duração à observação do meio em que vive, e, assim, captar através das lentes de fotografias acontecimentos que os inquietavam. Segundo o relatório produzido no final da oficina, o professor propôs que os alunos tirassem fotos e enviasse para ele, para que ele avaliasse via rede social.

Como dito, para além das análises feitas em documentos da instituição, foram feitas duas entrevistas com discentes que participaram das oficinas. Quando questionada durante a entrevista sobre a fotografia, a entrevistada 2 se colocou da seguinte forma:

Apreendi, em fotografia, aprendi muito, que não precisa só a gente colocar a máquina na frente e fotografar, tem que ter várias técnicas né, muitas coisas interessantes, coisas boas e também tem muito, do que a gente vem, de dentro, porque cada fotografia pode ser a mesma imagem, mas cada fotógrafo tira uma fotografia diferente, e a gente fez o curso, e quase todos os alunos tiraram a mesma foto da mesma imagem, paisagem, e a gente notou que ficou diferente, entendeu? Então a gente além de usar as técnicas tem coisas que vem da gente mesmo, do olhar da gente, como a gente interpreta aquela imagem que vai fotografar, eu achei isso muito interessante. (Entrevistada 2)

A resposta da entrevistada 2 se deteve ao aprendizado construído durante o curso de fotografia, a visão que tinha do que seria fotografar foi superada. Pois ela percebeu que além de posicionar a câmara para captar a imagem, existem preferências, existe o posicionamento subjetivo do fotógrafo para atingir tal finalidade.

Sobre a participação dos discentes no curso, segundo a lista de chamada, tiveram presentes 18 inscritos, sendo que aproximadamente 5 desses não são alunos matriculados no NUPATI, e a faixa etária menos dos 60 anos. Percebemos que a participação é mínima diante de aproximadamente 80 alunos matriculados no núcleo durante o período em que ocorreu o curso; talvez um dos motivos que possam explicar a pouca participação seja a questão da oficina ter acontecido durante três dias, sendo dois deles, o dia inteiro, e o último apenas a uma parte do dia ou até mesmo a questão da oficina ser contributiva.

O pouco que apresentamos aqui ao analisar a fotografia, nos permite afirmar que a mesma pode ser uma forma de aportar grandes contribuições para o Projeto Ético Político do Serviço Social, apesar do curso ter sido bastante pertinente, neste contexto em que ele foi desenvolvido, percebemos pouca contribuição dessa manifestação, no sentido de emancipação dos indivíduos, essa pouca contribuição, não quer dizer que ela não tenha sido importante ou não tenha estimulado a consciência crítica dos envolvidos, ao contrário, o cotidiano dos indivíduos que participaram da oficina foram suspensos durante os três dias de duração, pois os mesmos estavam voltados para a sua realidade de uma forma diferente. Ao fotografar a Universidade, era possível para eles perceberem a beleza da natureza, bem como as problemáticas de infraestrutura que a mesma apresenta. Porém, os dias de aulas foram poucos, conseqüentemente, os processos de reflexões também.

### 4.3 Oficina de Teatro.

Através dos levantamentos foi possível detectar que houve uma iniciativa de realizar oficinas de teatro pelo NUPATI, tal proposta esteve em desenvolvimento no ano de 2014. Percebemos que a lista de inscritos tinha apenas cinco pessoas interessadas em participar, e na lista que encontramos não tinha a assinatura dos inscritos. Não encontramos relatórios ou nenhum outro documento que pudessem nos fornecer mais informações necessárias para a análise, chegando, desta forma, a conclusão de que não houve a oficina.

A iniciativa de realizar a oficina foi em 2014, desse ano até 2016 não houve outra proposta para retomada, sendo que no período acadêmico de 2016.1 a instituição aumentou os números de matriculados, subindo para aproximadamente 107 discentes matriculados, podendo ter interessados em participar de oficinas com o teatro.

Mesmo não obtendo dados para a análise do potencial do teatro enquanto manifestação artística, torna-se pertinente refletir sobre as possibilidades do teatro e a sua contribuição para a emancipação do indivíduo, proporcionando consequentemente o reforço do que defende o Projeto Ético Político do Serviço Social.

O teatro possui fortes potenciais de promover ao indivíduo a sua retomada com o humano-genérico, ou seja, encontrar-se enquanto ser social atuando em uma sociedade criada por indivíduos sociais, promovendo a suspensão do cotidiano.

[...] o teatro é entendido como uma manifestação artística, que pode ser visualizada no cotidiano das relações sociais, e contém em si uma capacidade de contribuir para que os sujeitos possam se ver de um outro ângulo, mobilizando processos sociais que contribuam para que tenham uma visão crítica da realidade na qual estão inseridos. (SCHERER, 2010, p. 15).

É importante para os indivíduos voltar a sua essência humana social, perdida na sociedade burguesa durante o processo de alienação, de desapropriação do indivíduo, da sua capacidade humana.

Grotowsky (1987, p. 41), para este dramaturgo e diretor “a essência do teatro é um encontro”. O autor reflete sobre como somente o encontro permite que a essência de um homem acesse a essência de outro homem, no sentido de despertar no indivíduo o conhecimento da força de sua particularidade, desenvolvendo com isso, sua autonomia a partir do fortalecimento e enriquecimento de suas relações sociais, promovendo “a autonomia do ser humano genérico em relação ao

indivíduo-individualidade” (GROTOWSKY, 1971). Na formulação do Teatro Pobre de Grotowsky, há um aparato técnico, que constrói o estabelecimento das relações sociais a partir da falta, sendo esta uma proposta que vai de encontro à dificuldade de acesso que tanto o assistente social, como os movimentos sociais enfrentam na obtenção dos meios e materiais necessários para sua atuação [...] Augusto Boal (1980), fundador do Teatro do Oprimido, onde o teatro é aliado à ação social, apresenta técnicas e jogos teatrais que se transformam em verdadeiros fóruns sociais, nos quais, as discussões são realizadas sempre alocando o indivíduo e a solução de seus problemas dentro da perspectiva da coletividade, do embate político e da ação social (BOAL, 1980). (Narcizo, 2012, p. 7-8).

Uma das técnicas do teatro do oprimido de Augusto Boal é promover que o indivíduo encene a sua realidade, pois a partir de então, considerando as problemáticas que ele vivencia no seu dia-a-dia, ele poderá refletir sobre formas de dar respostas aos problemas. É de extrema importância esse momento, pois o indivíduo suspende o cotidiano, e para analisá-lo artisticamente, e procurar responder, após esse momento, o ser social volta a sua realidade carregada de perspectivas críticas, muitas vezes instigadas a intervir nelas.

Questionamos o quanto importante seriam as oficinas de teatro com os idosos do NUPATI, quantas oportunidades teriam de criticar a sua realidade, de indagar a cultura do belo impregnada na sociedade capitalista, de refletir a escassez e precariedade das políticas públicas para o atendimento de suas necessidades, e assim, além de sujeitos questionadores, inserir-se na sociedade enquanto sujeitos ativos e propositivos.

Os profissionais do Serviço Social, pensando dessa forma e possivelmente agindo também, aproximam-se ainda mais do seu Projeto Ético Político, e na perspectiva trazida por ele de emancipação dos indivíduos.

Problematizamos então: o que levará a não realização da oficina de teatro? O porquê dessa proposta não ter voltado ainda para agenda de atividades do núcleo, visto que na Universidade Federal de Sergipe tem o Núcleo de teatro, possibilitando desta forma uma parceria para realização de atividades com o teatro para os discentes idosos. Porém, compreendemos que o objetivo do NUPATI é proporcionar o acesso dos idosos a educação, e que diante do contexto neoliberal, as instituições públicas que disponibilizam educação vêm sofrendo sérios ataques de precarização.

É preciso com isso buscar estratégias de enfrentamento, e também compreender que existem possibilidades de educar através da arte, e, além disso, promover a independência do indivíduo, contribuindo para a sua emancipação.

#### **4.4 Oficinas de Danças Populares.**

O Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade promove atualmente a “Oficina de Danças Populares”, ministrada pelo facilitador, discente do curso de dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Milton Leite. Não encontramos um planejamento onde pudéssemos retirar sucintamente os objetivos e metodologias descritos pelo ministrante. Por outro lado, encontramos relatórios das aulas, contendo informações de cada procedimento utilizado pelo facilitador e, a partir dele, percebemos categorias importantes para análise. A oficina foi separada em períodos, convergindo com os períodos acadêmicos da universidade, estando assim subdivididos: 2015.1, 2015.2 e 2016.1.

A oficina de danças populares foi a que mais apresentou conteúdo pertinente para análises no nosso estudo. Ela teve início nos primeiros meses de 2015 e encontra-se em atividade. Assim sendo, podemos encontrar relatórios do período acadêmico 2015.1. Cabe aqui uma reiterar uma observação que o pesquisador, é estagiário do NUPATI, e, com isso, ficou designado a acompanhar a oficina, podendo algumas vezes participar das aulas ministradas nos períodos 2015.2 e 2016.1. Os relatórios produzidos nesse espaço de tempo ainda não se encontram disponíveis para análise.

Como já dito, os relatórios que tivemos acesso contêm categorias importantes para a análise, sendo ela: Cultura popular e danças populares. Torna-se pertinente para o Serviço social refletir sobre a realidade que compõe essas categorias, pois os profissionais encontram atuações nelas. No entanto, faremos análises apresentando o que traz os relatórios fundamentando com autores que possuem estudos nessas áreas. Brasileiro (2010), Silveira (s/d) e Gurato (2014) ajudaram a compreender a dança como manifestação artística e sobre as danças populares e o seu potencial.

A oficina “Danças Populares” acontece na Universidade Federal de Sergipe, todas as sextas-feiras pela parte da manhã. O espaço para a execução das aulas é em salas comuns, onde os inscritos e o facilitador encontram problemas no tocante a presença de cadeiras que compõem a sala. Essa é a primeira problemática que visualizamos: a falta de um espaço adequado para a realização da oficina, o que foge as responsabilidades do NUPATI, estando esse submetido às decisões da administração da Universidade. Os discentes superam a problemática retirando da sala as cadeiras e

deixando-a livre para a movimentação exigida pela oficina. Nas listas de presença do período 2015.1 estavam inscritos 12 discentes no NUPATI.

Para dar início a nossa análise apresentamos o relatório da primeira aula que fornece informações iniciais sobre a oficina, onde podemos perceber importantes categorias de análises.

“Conforme planejamento para o início da oficina de danças populares foram inscritos (12) doze alunos. Iniciamos os trabalhos às 09h45min com a presença de apenas dois (02) alunos inscritos e a participação de mais (03) três alunos que apareceram na oficina.

A atividade foi desenvolvida com a apresentação dos alunos, e do professor (facilitador), noções básicas de cultura popular, o que é folclore e a divisão do folclore: Artesanato, música, danças, jogos, festas, cantos, religiosidade e literatura. Abordamos ainda algumas informações sobre o surgimento do termo folclore e cultura popular.

Registramos para os presentes a forma de realização das aulas, regras e condições. (...). “Encerramos a atividade, realizamos atividade de descontração e relaxamento e avisamos o dia e horário do próximo encontro”.

O relatório nos apresenta palavras como “folclore”, “tradição”, “costumes” e “cultura popular”. Tais termos apresentam significados ideológicos construídos historicamente, para poder compreender esse processo, recorreremos aos estudos de Brasileiro (2010), Guarato (2014) e Catenacci (s/d). Essas autoras fazem um recorte histórico que nos apresenta o surgimento do termo “Cultura Popular” e “Folclore”.

O termo folclore – folk (povo), lore (saber) – foi criado pelo arqueólogo inglês Willian John Thoms em 22 de agosto de 1846 e adotado com poucas adaptações por grande parte das línguas européias, chegando ao Brasil com a grafia pouco alterada: folclore. O termo identificava o saber tradicional preservado pela transmissão oral entre os camponeses e substituía outros que eram utilizados com o mesmo objetivo – “antigüidades populares”, “literatura popular” (Vilhena, 1997:24). Contudo, a idéia de identificar nas tradições populares uma sabedoria não era nova quando a palavra folclore foi criada. (CATENACCI, s/d, p. 28)

Muito antes de o folclore surgir, já existia o interesse de perceber as manifestações populares como sabedoria na Europa. Com o avanço do sistema capitalista, e, conseqüentemente, da tecnologia, os valores tradicionais e culturais da classe subalterna se distanciam cada vez mais da cultura reproduzida e defendida pela

classe dominante. Esse distanciamento traria para essas manifestações a nomenclatura de cultura popular, o qual no decorrer dos anos passaria a ficar cada vez mais distante uma da outra. Então, desta forma, tem-se a Cultura popular, criada pela classe subalterna, e a Cultura da Elite.

A noção de cultura popular possui em sua historicidade o fardo de ter sido elaborada para servir como mecanismo de distinção, “[...] produzido como categoria erudita que visa a definir e a descrever produções e comportamentos situados fora da cultura erudita [...]” (CHARTIER, 2003p. 141) [...] (GUARATO, 2014, p. 64).

Ainda segundo a autora devemos pensar com cuidado a cultura popular.

Principiando a questão, cabe ponderar que “cultura popular” é uma expressão que abarca diferentes usos, noções e conceitos originados de seus múltiplos contextos de aplicação. Ao trabalharmos com temáticas que remetem ao ser humano e seus fazeres corporais, há uma necessidade vital: a de especificar qual o sentido atribuído a um conceito que atravessa séculos e que surgiu como recurso de distinção social, tendo em vista que os conceitos concentram particularidades convergentes entre grupos sociais que alimentam práticas, crenças e hábitos que lhes são familiares. Existem também alguns conceitos do senso comum que exercem função de controle social e que não podem ser aplicados sem análise crítica. (VEYNE, 1987) (GUARATO, 2014, p. 63)

O Folclore é estabelecido como um estudo que tende a perceber o sentido das manifestações populares. Estando essas sujeitas à exclusão do espaço social pela hegemonia, a classe dominante determina o que é cultura e desvaloriza as manifestações populares por considerarem ultrapassadas; os folcloristas veem a necessidades do registro dessas manifestações para que não sejam esquecidas, constituindo, assim, o seu caráter tradicional. (CATENACCI, s/d).

Esse debate é pertinente, pois são categorias que foram encontradas nos relatórios de danças populares, e precisam ser entendidas para nos fornecerem elementos para maiores compreensões.

O início das aulas de danças populares tratou de promover debate sobre o que são essas danças, e exemplificando-as, sendo que, no segundo encontro o facilitador fez um mosaico de danças que são conhecidas como manifestações populares, sendo assim apresentadas: “Pastoral, reisado, samba de coco, parafusos e forsa.” (Relatório, 2015). Mas, o que são danças populares?

É preciso entender esse significado de danças populares para não cair no reducionismo de considerar que são apenas as manifestações tradicionais do povo. Em relação a isso Guarato (2014) nos proporciona uma interessante reflexão:

Considerando essa distância socialmente construída, ao nos predispor a pesquisar danças populares, devemos ter em mente que se trata de uma “ilusão” perceber o popular como algo estanque, detentor de uma suposta “pureza”, pois nem mesmo os seus atores se posicionam dessa maneira. Para o inglês Stuart Hall (2006), o popular se encontra estruturado em condições sociais e materiais de uma classe específica, a do povo, em relação de tensão com o “bloco do poder”. (HALL, 2006, p. 241) Assume características de organização enraizadas nas práticas cotidianas do “Zé Ninguém”. Não se trata de dicotomizar relações entre pobres e ricos, mas de compreender quando, como, onde e em relação a quem, o popular se insere nas “relações de forças”. (p. 66)

Desta forma, danças populares podem ou não se contrapor a ordem social, exemplo disso temos danças que são populares, criadas pelo povo, que não trazem em si nenhum significado de resistência. Como já pontuado, em determinados momentos históricos a arte não possuiu cunho crítico, em relação à ordem socioeconômica e política hegemônica nas sociedades.

Continuo apresentando as reflexões de Guarato (2014, p. 66), pois nos instigam a desconstruir visões por vezes enraizadas, distantes de estudos:

A dança e os valores das comunidades podem opor-se, ou não, ao sistema de controle dominante, sendo que esse antagonismo não ocorre de forma única, podendo existir de maneira nebulosa para olhares desatentos. Deste modo, danças populares abarcam não somente manifestações tidas como tradicionais, a exemplo do congado, maracatu, bumba meu boi, frevo, mas também aquelas que ganham forma no meio urbano. Quando olhamos um grupo que se propõe a dançar *axé*, ou aquelas dançarinas de *funk* carioca, por exemplo, nós leitores, telespectadores (via meios audiovisuais), encontramos dificuldades em conferir legitimidade a essas danças populares, principalmente urbanas, muitas vezes estranhando o vestuário, os gestos, os movimentos. Tal estranhamento se dá devido à distância social que nos separa daqueles que as praticam.

Precisamos entender que a cultura popular mesmo estando presentes nos contextos rurais, o que não descarta a hipótese de ser também construída nos espaços urbanos, ela não se encontra distante das relações sociais e culturais da cidade, mesmo sem causar rupturas com a ordem dominante estabelecida, por vezes ela gera conflitos, inquietações, e representa também a insatisfação de um povo. (GUARATO, 2014).

Apresentamos esses debates para compreendê-los como as danças populares tidas como manifestações artísticas, podem promover um processo de pensamentos críticos nos indivíduos que a praticam, pois, estando essas articuladas com as relações sociais e a cultura da realidade do indivíduo podem promover inquietações, principalmente quando esse indivíduo é oriundo da classe trabalhadora.

Desta forma, percebemos o quanto é importante recorrer à história para entender como se apresentava as danças populares em seus determinados contextos. Durante a oficina com os idosos, o facilitador propôs não só a dança para dançar, mas também leituras que pudessem apresentar a esses discentes conteúdos pertinentes para a reflexão. A aula do dia quinze de maio de dois mil e quinze (15/05/2015) nos mostra isso, quando no relatório o facilitador destaca que: “Iniciamos a aula nesta sexta-feira, discutindo o texto que foi apresentado na semana passada: Danças populares reisado, guerreiro, parafusos, e samba de coco. [...]” (Relatório, 2015).

Nesta leitura são apresentadas as danças tidas como tradicionais, possivelmente apresentando reflexões sobre o surgimento e o contexto que favoreceu essas manifestações.

Em outro espaço de encontro o facilitador também apresentou um texto para leitura e discussão, conforme apontado abaixo:

Reunimos-nos no núcleo com os alunos e apresentamos um pequeno vídeo sobre danças e, em seguida, disponibilizamos um texto sobre as questões do corpo nas danças folclóricas da autora Eloisa Domenicil, para a próxima aula que ficou marcada para a sexta do dia 29 de maio. (Relatório, 2015).

Observamos que esse texto, pela sua intitulação, apresentou mais discussões sobre as danças populares, e também sobre a questão corporal presente nelas.

Além de leituras, o professor, durante o período de greve nas Universidades Federais, promoveu estudos e pesquisas em espaços onde os alunos pudessem ver as indumentárias, e toda a história produzida e guardada no Museu da Gente Sergipana sobre a cultura popular.

Aos três dias do mês de julho de dois mil e quinze nos encontramos, eu e os aproximadamente onze alunos, no museu da gente sergipana e de cultura e meio ambiente, solicitamos relatórios individuais e discutimos em grupo sobre as informações obtidas na visita. Confirmamos para a próxima aula, dia 10 de julho, as visitas ao centro cultural de Aracaju, na alfândega. (Relatório, 2015).

Com intuito de não prejudicar os encontros por conta da greve, os alunos nesse período tiveram aulas fora da Universidade, aproveitando o momento para conhecer mais sobre a história das danças populares, especificamente sergipana.

Brasileiro (2010) e Guarato (2014) nos chamam a atenção pelo fato de por vezes as danças populares, e a própria cultura popular, serem reconhecidas apenas como tradições, e desta forma considerar apenas a raiz.

Um dos equívocos, ao refletir sobre cultura popular, é pensá-la como sinônimo de tradição. Para esse autor (1981, p. 17), isso só faz “[...] reafirmar constantemente a idéia de que sua Idade de Ouro deu-se no passado”, transformando as expressões de cultura popular em uma curiosidade. (BRASILEIRO, 2010, p 141).

Como pontuado, a cultura popular estar interligada as relações sociais, desta forma essas relações são mutáveis, estão em transformações, e as danças populares acompanham esse contexto. Não queremos aqui afirmar que não se torna importante recorrer à história e a forma em que o povo se organizou ou não para dar com o movimento da realidade. Essa busca se torna importante, inclusive para apreender a mobilização popular e perceber se houve estratégias de resistência através da arte. O que queremos pontuar é que não devemos deslocar essas manifestações artísticas como tradições sem considerar o contexto em que ela se consolidou, e o contexto o qual irá está imersa, ou seja, precisamos pensá-las como construções humanas, resultantes de uma realidade específica. Como pontuado anteriormente, os folcloristas da Europa aproximadamente no século XVII e/ou XIX, tiveram a preocupação de resguarda as manifestações populares devido ao contexto que ameaçava instigá-la. (GUARATO, 2014), (BRASILEIRO, 2010).

Desta forma, precisamos perceber como se processa as manifestações populares agora e usá-las como meio de resistência de uma classe que é subalterna a aquela detentora dos meios de produção.

Pensamos assim na relação que se estabelece na oficina de danças populares do NUPATI, que tem como público alvo a população idosa. Torna-se pertinente trabalhar a memória desses indivíduos, mas, é de suma importância também compreender o contexto em que ele vive, pois é um contexto de exclusão e preocupante diante da sociedade. Considerando isso pensamos em uma arte que possa empodera-los ainda mais, para poder agir ativamente na sociedade.

E a dança, após todas essas reflexões possuem esse potencial.

Ao pensar em dança é fundamental ter em vista que seu fazer não é separável do sujeito que a pratica, assim como a cultura e a tradição não podem ser dissociadas do ambiente em que ocorrem e das pessoas com elas envolvidas, não podem ser trancadas no passado nem limitadas à sua estética e discursos hegemônicos no presente, porque há sempre uma inegável articulação entre os dois tempos. A tradição “é um aspecto da organização social e cultural *contemporânea*, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que deve se ligar ao presente e ratificá-lo” (WILLIAMS, 1979, p. 119) (GUARATO, 2014, p. 72).

Afirmamos que é importante o trabalho com as danças populares com os idosos, porém é preciso ir além da questão de mera arte, de apenas colocar os idosos para dançar por bem à saúde. É preciso apreender o potencial da dança, independente de danças populares que venham questionar o contexto o qual estamos inseridos.

Durante o acompanhamento feito a essa oficina no período, percebemos o quanto é importante para o trabalho coletivo, o quanto a mesma vem amadurecendo no decorrer dos encontros que o facilitador promoveu. Infelizmente não podemos analisar os relatórios dos períodos 2015.2 e 2016.1 para perceber nele os avanços que vem sendo trabalhado pelo facilitador, e dos discentes em termos de perceber a transformação em sua realidade.

Apesar de todo o lado positivo do trabalho, não encontramos bases sólidas que possam afirmar a sua colaboração para o projeto Ético Político hegemônico para o Serviço Social. Todo o trabalho desenvolvido no projeto é de extrema importância, pois os envolvidos através das danças conhecem histórias dos seus antepassados, e percebem através de passos e coreografias as mensagens que a arte perpassa. Porém, queremos enfatizar aqui que a arte que traz as possibilidades de emancipação, que contribui para o resgate da humanidade do sujeito.

Em relação à entrevista apresentamos algumas perguntas diferenciadas que não tinham relações diretas com os projetos artísticos os quais as mesmas participaram. Assim, questionamos o que motivará a realizá-las inscrições nos projetos artísticos.

Olha na verdade eu sempre tive muita vontade de aprender, de desenhar, mas foi preciso eu fazer o curso para tirar a conclusão que eu não tenho habilidade para desenho. Fotografia eu gosto muito de fotografia, aliás, eu só faço as coisas que eu gosto, então eu fui participar porque eu gosto de fotografia, apesar de eu não gostar muito de ser fotografada, mas gosto de fotografar. Achei o curso muito bom,

excelente. E dança movimentar o corpo né, porque eu estou muito parada, não eu me movimento muito, mas só que eu falei com o médico e ele disse “não você tem que dedicar um tempo, uma hora só pra fazer uma atividade física, uma atividade que não tem nada a ver com o trabalho, não tem nada a ver com não sei com que não” só pra aquilo. Daí quando apareceu eu vir fazer, que na verdade eu achei que era uma dança, não folclórica como estar sendo, que não tivesse essas coisas de a gente ter apresentações, eu achei que a gente vinha para dançar, como dança de salão e etc...., mas não tivesse assim apresentações, como agora a gente... Eu estou sabendo que a gente vai ter apresentações, a gente já teve umas agora dia 15 e 16, de setembro, mas tudo bem, estou gostando. Eu acho teatro uma coisa legal, porque também, o teatro, além de mexer com a mente mexe com o corpo, com a criatividade, é uma coisa que mexe com tudo, eu gosto muito de teatro, só que coincidiu não deu para eu fazer, mas se aparecer teatro de novo eu vou me inscrever. (Entrevistada 2).

Percebemos que nas colocações da entrevistada, ela pontua as motivações que a levou ela a participar, como o fato de sempre gostar dessas manifestações artísticas. Interessante que a entrevistada 2 pontua em ordem o que lhe instiga em cada manifestação, e ainda pontua a sua participação em uma atividade que trabalhou a artes plásticas. A entrevistada salienta que precisou participar para perceber que não possui habilidade. É importante lembrar o que já pontuamos em relação ao discurso do “dom” no tocante a trabalhos artísticos: as pessoas a princípio podem não possuir habilidade, como sinalizou a entrevistada 2, mas com o decorrer do processo, pode desenvolver alguns trabalhos interessantes, visto que arte é objetivação humana, sendo assim, todos podem desenvolver.

A entrevistada 2 fala também sobre as danças populares e destaca a mesma como uma forma de exercitar o corpo. A dança possui essa característica de trabalho corporal, porém é pertinente pensar e trabalhar a mesma de forma crítica, visto que a mesma, como pontua Guarato (2014), possui a capacidade de ser crítica. Sobre o teatro, a mesma coloca todas as capacidades que essa expressão artística tem como possibilidades, e são pertinentes todas as ponderações que ela coloca como, por exemplo, a possibilidade de mexer com o corpo e com a mente.

Perguntamos a elas o que mudou nas suas vidas, após participarem dessas oficinas, desses cursos, o que alterou no cotidiano delas com o aprendizado adquirido:

Ah! Demais, demais, a gente ver a vida diferente, ver que você pode fazer, porque quando você não participa, você acha que você não pode

né, e você participando, é bom demais, conhece outras pessoas, faz outras amizades, o meio é outro, de início foi difícil porque os alunos, os alunos normais, eles não aceitavam muito a gente sabe, a gente, mas depois eles foram acostumando e agora é uma beleza. A gente na sala de aula fica bem à vontade viu. (Entrevistada 1).

É importante destacar a resposta da entrevistada 1 que salienta que eles acreditam que não podem fazer, e quando fazem, percebem as possibilidades. É justamente esse o impacto da cultura capitalista que exclui esses indivíduos, os rotula como incapazes, que estão na idade de esperar a morte. Mas, quando fogem a essa visão, percebem que podem ser ativos e prosseguir agindo na sociedade de forma normal, contudo os idosos se surpreendem, se desprendem dessa cultura perversa.

Durante essa pergunta a entrevistada 2 se deteve a capacidade da fotografia e a transformação do que ela pensou em ser fotógrafa.

No final da entrevista perguntamos para as duas o que significava arte para elas. A entrevistada 1 não conseguiu responder com clareza a tal indagação, estando à resposta restrita ao que a motivará a escolher a participar desses projetos. Já a entrevistada 2 respondeu da seguinte forma “Arte é uma profissão, arte para mim é uma expressão de pensamento, (...) arte é criatividade, a arte é muita coisa; é dom, então arte é muita coisa.” (Entrevistada 2).

Como pontuado acima, as entrevistadas destacaram elementos importantes, porém percebemos o mínimo que a arte proporciona para elas, pois as duas nos responderam que existem mudanças subjetiva depois que participaram desses projetos.

Pontuamos a pertinência e a riqueza que obtivemos ao analisar a oficina de danças populares, pois, cada categoria trabalhada, nos proporcionou riquezas de reflexões. Destacamos também o posicionamento da entrevistada 2 quando assinala o que significa arte para ela. A mesma destaca que a arte é criatividade, é trabalho, essas são categorias fundamentais para refletimos a arte enquanto objetivação humana do indivíduo. Portanto, consideramos que o potencial da arte no trabalho com qualquer segmento da população possibilita a emancipação, o resgate desse indivíduo da cotidianidade do sistema capitalista.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como perspectiva analisar qual o potencial da arte no trabalho com os idosos, e a contribuição dela para o Projeto Ético Político hegemônico na profissão de Serviço Social, no intuito proporcionar o resgate da consciência crítica do indivíduo diante da sociedade capitalista. Nesse sentido, traçamos reflexões sobre o significado sócio histórico da arte, evidenciando o seu caráter de práxis, e também buscamos compreender como a sociedade burguesa trata a perspectiva de velhice, e os rebatimentos disso para o processo de envelhecimento humano.

O potencial da práxis artística é transformador, e dentro de uma realidade perversa, excludente e desigual, torna-se fundamental trabalhá-la com indivíduos marginalizados e excluídos dessa sociedade, para que possam recuperar a sua humanidade, pois a cada dia perde-se no contexto de alienação do capital, e assim tentar estabelecer uma sociedade justa, igualitária e livre da exploração do homem sobre o homem. Com isso, o artista além de se reconhecer como indivíduo que cria, também possui a possibilidade de suspender o cotidiano, e refletir a realidade a qual está inserido. Nesse processo, o seu produto final, trará reflexos tanto do dia a dia, como também os seus sentimentos e emoções diante da conjuntura.

É nesse viés que segue o projeto Ético Político do Serviço Social, nas possibilidades de emancipação desses indivíduos. Podemos perceber o quanto a arte pode ser estratégica na atuação do assistente social, porém esse profissional precisa estar ciente disso, é preciso reconhecer o potencial da arte, para utilizá-la estrategicamente. Como já dito, não queremos afirmar que os profissionais devam realizar oficinas artísticas, mas que estejam cientes do potencial da mesma, promovendo espaços de viabilização e discussão após cada oficina. Pois, o assistente social tem referenciais teórico-metodológicos que possibilita uma análise crítica da sociedade. E aqui deixamos uma inquietação: qual a percepção dos assistentes sociais em relação à arte? Será que está ligada a questão de percebê-la enquanto práxis, objetivação humana? Ou os profissionais ainda possuem a visão de que ser artística é possuir o “dom”? Durante alguns levantamentos de bibliografias que abordam sobre Serviço social e arte, percebemos que alguns assistentes sociais já tiveram alguma aproximação com a arte, sendo por vezes artistas, e isso poderia ou não auxiliar na vontade de pesquisar e debater sobre a relação entre Serviço Social e arte.

O estudo tinha como foco ver a potencialidade da arte com os idosos, como pontuado, são indivíduos que sofrem a exclusão da sociedade burguesa, e, além disso, são desvalorizados no dia a dia, por não possuírem a capacidade cognitiva que o capital precisa para a produção, e ainda é considerado o segmento que mais consome no mercado, sendo que a própria indústria procura nesse meio expandir produtos para essa população. Porém, os estudos de Brasileiro (2010), Leão (2012), Rezende (2008) e Pessoa (2010) comprovam que a maioria dos idosos hoje pertence à classe trabalhadora, sendo dessa forma, dependentes de políticas públicas para que possam viver a velhice. No entanto, a sociedade brasileira não está preparada para o fenômeno do envelhecimento humano, que a cada ano aumenta.

Tornam-se, com isso, importantes atuações críticas que possibilitem a conscientização dessa população, pois é preciso resgatar a humanidade de todos os indivíduos para que possamos superar a alienação da sociedade pautada na desigualdade e exploração.

Ao analisarmos os relatórios e documentos do NUPATI, como proposto pela pesquisa, percebemos que apesar de trabalhar com projetos artísticos, as atividades que são desenvolvidas com os idosos não possuem em si o caráter que possibilite a emancipação desses usuários. Os projetos foram bastante pertinentes no tocante a valorização da saúde, promoção da interatividade, da comunicação com o coletivo, aspectos que são relevantes para os idosos. Mas, em nenhum dos documentos percebemos atividades que recorresse à arte no seu caráter de práxis.

Apreendemos categorias importantes para reflexões como a capacidade da fotografia de suspender o cotidiano. As concepções de cultura, cultura popular e danças populares compreendendo as reflexões críticas a cerca de tradições nesse contexto, e aqui é pertinente salientar que cultura popular, é cultura do povo, está em movimento, pois, como já sinalizado, a cultura é produzida pelo ser humano, contudo ela é mutável, e destacamos essa reflexão, para afirmar que não podemos nos prender a cultura popular como e somente tradições. É preciso estimular, inclusive, os discentes que participam das danças populares a criar talvez a sua dança carregando a característica do seu atual contexto. Pontuamos também a importância do teatro com os idosos, pois esse possui possibilidades de emancipação.

É preciso considerar diversos fatores que possam contribuir para que tal atividade não ganhe o êxito que esperávamos, sendo a primeira delas a estrutura da própria universidade, que por vezes não auxilia na execução da atividade; a segunda pode ser levada em conta no que diz respeito ao próprio interesse e participação dos alunos inseridos no projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, que optam em participar de atividades diferentes, pois não compreendem que através da arte também podem aprender.

Compreendemos o cotidiano profissional da assistente social por ser diversas vezes permeadas por questões imediatas, com desafios, pois, além de coordenadora da instituição, a mesma é docente da Universidade Federal de Sergipe. É preciso considerar o atual contexto de precarização que as universidades públicas vêm passando durante o aprofundamento do projeto neoliberal na sociedade brasileira. Esse processo vem trazendo sérios rebatimentos para a classe trabalhadora, tanto objetivos, quanto subjetivos. Desta forma, a profissional perpassa por complexidades no seu fazer profissional, porém é preciso estar atento e sempre buscar estratégias de enfrentamento.

Chegamos dessa forma à conclusão de que o potencial que a arte no trabalho com os idosos no NUPATI se apresenta de forma diferenciada, valorizando a saúde dos idosos, a independência de participar de atividades que lhe tirem do comodismo, a relação coletiva com outras pessoas que possuem as mesmas problemáticas cotidianas. Mas não trabalha a arte enquanto objetivação humana, e, desta forma, não proporciona a contribuição para emancipação dos indivíduos inseridos na instituição. Indivíduos esses que atualmente se encontram na condição de aposentados, sendo eles, representantes da classe trabalhadora, que recorrem a políticas públicas, estando essas passando por processos de precarizações.

Os projetos artísticos desenvolvidos no Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade (NUPATI) apresentam limites para a afirmação do Projeto Ético Político Hegemônico no Serviço social, o qual opta por uma sociedade justa, igualitária, livre da relação opressor e oprimido, pois os projetos não trabalham a arte com o intuito de práxis, de objetivação, mas como atividade de socialização entre idosos, de caráter de lazer.

Porém, após todas as análises feitas nesse estudo, compreendemos que a arte possui esse potencial, e quando trabalhada com a população idosa, pode trazer ao

mesmo a emancipação nesse contexto explorador, que lhe exclui do dia a dia, e de prosseguir com a velhice usufruindo de qualidade de vida. Para além dessa, torna-se pertinente esse trabalho, no sentido de organizar a classe trabalhadora em busca da dissolução da sociedade burguesa.

Que mesmo diante desse contexto perverso, desigual, excludente, explorador e de retrocessos, possamos nos organizar e ter a consciência da importância da organização da classe trabalhadora, não só na luta pela expansão dos direitos sociais, mas sim para romper com a condição de exploração, para acabar com a sociedade capitalista, pois só dissolvendo a mesma para livrar-se da condição de opressão e voltar a ser livre para produzir o que lhe for preciso sem ter seu trabalho alienado a outrem.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. C. B. **Estética em Lukács: Reverberações da arte no campo da formação humana**. 2013. 115f. Dissertação (mestrado em Educação). Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

BARROCO, M. L. S. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. – 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010a. (Biblioteca básica do Serviço social; v. 4).

\_\_\_\_\_. **Ética: fundamentos ontológicos**. – 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

BATISTA, A. M. M. Práxis, Consciência De Práxis E Educação Popular: Algumas reflexões sobre suas conexões. In: **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 169-192, jul./dez. 2007.

BEHRING, E. R; BOSCHETTI, I. **Política Social: fundamentos e história**. 6ª edição. Vol 2. Cortez. São Paulo, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei 10.741/2003. Brasília-DF. 2003.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Lei 8.842/1994. Brasília-DF. 2010.

BRASILEIRO, L. T. **A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 135-153, set./dez. 2010.

CATENACCI, V. **Cultura Popular entre a tradição e a transformação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>. Acesso em: 30 out 2016.

CAVALLI, M. **A categoria mediação e o processo de trabalho no Serviço social: uma relação possível?** Disponível em: < <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/2257/2219> >. Acesso em: 16 de março de 2016, às 20 horas.

COSTA, H. Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.16. n.2. p. 131-173. jul.- dez 2008.

COSTA, P. N. G. **Arte e Serviço Social: um exercício de intervenção profissional**. 2013. 85f. Dissertação (mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP, 2013.

CFESS. **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8662/1993 de Regulamentação da Profissão. 10 ed. rev. e atual. - Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012.

FERREIRA, J. W. SILVA, J. O. MACHADO, J. A Arte Como Mediação no Trabalho Social. In: **Diversidade e estética em Marx e Engels/ organizado por Idília Fernandes e Jane Cruz Prates**; prefácio de Maria Lúcia Martinelli. – Campinas: Papel Social, 2016.

GUARATO, R. **Por um Conceito de “Danças Populares”**. Dança, Salvador, v. 3, n. 1, p. 61-74, jan./jul. 2014.

INDICADORES sociais: análise **Projeção da População do Brasil por sexo e idade: 2000-2060**. 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/)>. Acesso em: 12 Fev. 2017.

LEÃO, A. A. M. P. **Serviço Social E Velhice: Perspectivas Do Trabalho Do Assistente Social Na Articulação Entre As Políticas De Saúde E Assistência Social Em Manaus**. 2012. 138f. Dissertação (mestrado em Serviço Social). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas. Manaus- AM, 2012.

LUIZ, D. M.; ARAÚJO-JORGE, T. C. de; MATRACA, M. V. C. **Cantando junto, por saúde e cidadania... Per Musi**. Belo Horizonte, n.32, 2015, p.420-438.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria**. – 2. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Civilização brasileira, 1970.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 1. edição, São Paulo, Nova Cultural, 1996a.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. edição, São Paulo, Nova Cultural, 1996b.

NARCIZO, E. C. Serviço Social, movimentos sociais e arte: uma proposta para afirmação do projeto ético-político da profissão. In: **VIII Seminário de Saúde do Trabalhador (em continuidade ao VII Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca) e VI Seminário “O Trabalho em Debate”**. UNESP/USP/STICF/CNTI/UFSC. 2012. UNESP- Franca/SP. 2012.

NETTO, J. P; BRAZ, M. **Economia Política: uma introdução crítica**. – 8 ed. São Paulo. Cortez, 2012. (Biblioteca básica do Serviço social. v. 1)

\_\_\_\_\_. **A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social. Capacitação em Serviço Social e Política Social (Brasília, CFESS/ABEPSS/CEAD/UnB, 1999)**. Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cinco notas a propósito da “questão social”. Capitalismo monopolista e Serviço Social**. São Paulo, 2007.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço social: uma análise do Serviço social no Brasil pós-64.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NÚCLEO, de Pesquisa e Ações da Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: < <http://nupati.ufs.br/pagina/7640>>. Acesso em: 12 Fev. 2017.

PESSÔA, E. M. **Assistência Social ao Idoso Enquanto Direito de Proteção Social em Municípios do Rio Grande Do Sul.** 2010. 245f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social Programa De Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010.

PESSOA, I. L. **Envelhecimento na agenda da política social brasileira: avanços e limitações.** 2009. 238f. Tese (Doutorado em Política Social). Departamento de Serviço Social, programa de pós-graduação em política social, Universidade de Brasília. Brasília- DF, 2009.

PRATES, J. C. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. **Revista Textos & Contextos.** Porto Alegre, v. 6, n. 2. p. 221-232. 2007.

REZENDE, C. B. **A VELHICE NA FAMÍLIA: estratégias de sobrevivência.** 2008. 156f. Dissertação (mestrado em serviço social). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Franca. Franca-SP. 2008.

SANTOS, V. N. **Arte como mediação no Serviço Social.** Seminário latino-americano de Escuela de Trabajo Social. 2012.

SCHERER, G. A. **Abrindo as Cortinas: a arte e o teatro no reconhecimento de Juventudes e Direitos Humanos.** 2010. 214f. Dissertação (Mestrado em Serviço social). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2010.

\_\_\_\_\_. Entre Cores, Tons, Sons, e Cenários: o papel da arte como dimensão da vida humana no enfrentamento ao pensamento fetichizado. In: **Diversidade e estética em Marx e Engels/ organizado por Idilia Fernandes e Jane Cruz Prates;** prefácio de Maria Lúcia Martinelli. – Campinas: Papel Social, 2016.

SILVA, N. L; VERGARA, M. A; SILVA, R. E. **As memórias e Saberes de Pessoas Idosas no Espaço Universitário: estudo sobre o Núcleo de Pesquisas e Ações da Terceira Idade.** São Cristovão-SE. Ed. UFS. 2015.

SOUZA, J. B. D. **Reflexões sobre fotografia e arte: Um olhar sobre fotoformas e sobras de Geraldo de Barros.** 2010. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em comunicação social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS, 2010.

YAZBEK, M. C., Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. **Serviço social: direitos sociais e competências profissionais.** s/d. Disponível em: <<http://cressrn.org.br/files/arquivos/ZxJ9du2bNS66joo4oU0y.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

## 7 REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BIEGER, J.; SILVA, L. S.; FRITZKE, C. C. W.; CARON, M. R., **O Envelhecimento (como) expressão da Questão Social e algumas considerações pertinentes ao Exercício Profissional**, IN: Congresso Catarinense de Assistentes Sociais, Florianópolis-SC, 2013.

BOAL, A. A estética do oprimido / Augusto Boal. 1931-2009. Rio de Janeiro : Garamond, 2009. 256p.

BRUNO, L. J; BASTOS, M. H. F. A. **Construção de pensamento crítico em Dança Contemporânea.** Revista “AspaS” \_ Nº 1 – 2011. Anais do Primeiro Seminário de Pesquisas em Andamento do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo, 2011.

FREDERICO, C. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács.** – 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6º ed. São Paulo-SP. Ed, Atlas S.A. 2008

LÓSSIO, R. A. R; PEREIRA, C. M. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local.** IN: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3 ed. 2007. Salvador. Faculdade de comunicação da Universidade Federal da Bahia. 2007.

MARX, K.. Teses Sobre Feuerbach. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** 2ª edição. 2ª tiragem: [introdução de Jacob Gorender] : tradução Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

## 8 ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO  
RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, sendo o Conselho Nacional  
da Saúde.

O presente termo em atendimento à Resolução Nº 466/12, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa intitulada “ (SERVIÇO SOCIAL, ARTE E VELHICE: significado da Arte no trabalho com os Idosos.) ”, sob responsabilidade dos pesquisadores (**AUGUSTO CESAR DOS SANTOS**), e orientadora (**VERA NÚBIA SANTOS**) do curso de (**Serviço social- graduação**) do Departamento de (**Departamento de Serviço Social**), os seguintes aspectos:

**Objetivos:** Analisar o potencial da arte no trabalho com os Idosos e a sua contribuição para o Projeto Ético Político do Serviço Social, de forma a compreender a mudança na percepção sobre a realidade pelos idosos inseridos no NUPATI-UFS.

**Justificativa do Estudo:** Levando em consideração a função emancipadora da arte, e a reafirmação do projeto ético político do Serviço social - que visa à emancipação dos indivíduos oprimidos na sociedade capitalista, superando a mesma -, e o estímulo a criatividade no exercício profissional (com intuito de dar melhores respostas às demandas, e complexidades do cotidiano) torna-se pertinente compreender como a arte tem contribuído nas diversas formas de perceber e criticar às problemáticas do cotidiano, e neste caso, nas problemáticas que permeiam o fenômeno do envelhecimento humano na sociedade capitalista. Proporcionando a ampliação do viés crítico e criativo na atuação profissional.

A participação dos sujeitos na pesquisa será voluntária e livre de qualquer forma de remuneração. O indivíduo participará respondendo a um breve questionário, que terá como intuito indagar sobre pertinência de atividades artísticas no NUPATI/UFS, e a contribuição para formação do indivíduo, bem como para sua forma de enxergar a vida após o uso da arte. Levando em consideração que a entrevista se dará através de respostas de um questionário, não se visualiza riscos na aplicabilidade da mesma, mas o indivíduo pode solicitar que o seu nome seja mantido em sigilo, bem como desistir de participar da pesquisa. O estudo tornar-se-á importante para a comunidade acadêmica, e

a sociedade, no sentido de promover discussões e ações sobre a pertinência do trabalho com a arte para a população Idosa.

- **Consentimento para participação:** Eu estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido (a) quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido (a) e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico.

**Eu, \_\_\_\_\_, aceito livremente participar do estudo intitulado “SERVIÇO SOCIAL, ARTE, VELHICE: significado da Arte no trabalho com os Idosos do NUPATI/UFS” Desenvolvido pelo acadêmico (Augusto Cesar dos Santos), sob a orientação da Professora (Vera Núbia Santos) da Universidade Federal de Sergipe.**

Nome da Participante \_\_\_\_\_

Contato:

E-mail:

Endereço:

### **COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Eu discuti as questões acima apresentadas com cada participante do estudo. É minha opinião que cada indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

\_\_\_\_\_ São Cristóvão, Data: \_\_/\_\_/\_\_

Assinatura do Pesquisador

Para maiores informações, pode entrar em contato com:

Vera Núbia dos Santos. Fone: (79) 99981-4147

Augusto Cesar dos Santos. Fone: (79) 9 8866-7738

**9 APENDICE****Questionário da entrevista**

Idade: \_\_

Sexo: M ( ) F ( )

- 1) A quanto tempo está no Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade?
- 2) Durante esse tempo quais projetos artísticos você participou?
- 3) Qual seu interesse em participar dessas atividades?
- 4) Após essa participação percebeu alguma mudança na forma de ver a vida?
- 5) Pra você o que significa arte? E sua importância para a vida da pessoa?